

*FABULAÇÕES ARTEGRAFEMÁTICAS:
entre a dor e a cor*

*Luciana Specht
Alberto Coelho*



Artegrafemas: MEIO-DIA (doloríficas)



ELA



Figura 1: Ela
Fonte: autora

Era uma vez uma senhora, dizem. Veio de algum lugar e não voltou mais. Habita um lugar incerto, mas teima em se fazer ouvir. Hoje fala por muitas, ou muitas falam por ela. Não sei bem! Na primeira vez foi estranho. Mas, ela disse: “não se assuste, quero só alguém pra conversar”. Naquele momento, não dei muita atenção e segui. Por um tempo ficou em silêncio, até que um dia gritou: “não se faça de surda; você sabe que estou aqui e faz muito tempo. Do que tem medo? Naquele momento, um frio cortante atravessou meu corpo, de norte a sul e de leste a oeste. Rabiscou um quadrante no meu círculo de existência. E, ela voltou a falar, agora com uma voz mais baixa, mas com uma vibração grave de sensação de uma quase asfixia: Você é professora, né? Hesitei, antes de responder. Passou um filme em meus pensamentos. Um filme recortado, fragmentado, sem muita continuidade. E, novamente, algo afetou meu corpo, e desfolhei em muitos círculos. Círculos de mim acendendo e apagando. Um rascunho de mim. Fragmentos desconstruídos a procura de uma linha de organização das

ideias. Ah, essas, as ideias, eram muitas e vindas de todos os cantos do centro de um círculo. Uma rosa dos ventos de uma multidão de ideias a dizer de várias coisas ao mesmo tempo. Hesitei, novamente! Tentei ouvir com mais atenção. E, por um instante, só silêncio no ar. Um breve instante. E logo depois ela disse: “Você acha que ouve sua voz?”. Outra vez hesitei! Disse nada por um tempo, depois respondi. Sim, ouço, de algum modo ouço meus pensamentos. “seus pensamentos? Tem certeza?”. Óbvio, todo mundo de algum modo escuta o que pensa? “Queres conversar sobre isso?”. Que loucura é essa? Conversar com quem? “Comigo.” Mas, quem é você? “Uma simples senhora professora presa, ao cotidiano dos dias e das noites.” Mas, qual o seu nome? “Qual a diferença?” Como vou chamá-la? “Não, precisa chamar, já estou aqui! Vou e volto sem saber o motivo. Achei que você me chamasse!” Não chamei, digo, não chamo. Sei lá. Isso é estranho. “Você se acha estranha?” Não! Esse momento é estranho. Faz pensar que estou enlouquecendo. “Calma, sem ansiedade, diminui a

velocidade da pressa. Olha ao redor!” Olhar ao redor? Estou só, ultimamente com mais dor e solidão dentro de mim! “Dentro de você? Será? Será que não está refletindo o que vem de fora para dentro?” Desculpa, não entendi. Será que você não está projetando imagens que vem de fora, como um espelho de si?” Hum, isso está complicado! Espelho de mim? “Sim!” Só penso na realidade que vivo? “Realidade? Qual?” A minha, ora! “Sua?” Opa! Devagar com as coisas! Está dizendo que estou fora da realidade? “Não disse!” Disse, sim! “O que sugeri foi no sentido de questionar sobre essa sua realidade tão real, mais até que que a voz que ouves agora.” Bah, cada vez piora mais! Continuo sem entender! “Assim, por partes: será que isso que você nomeia com realidade não é uma interpretação do que acontece? Será que essa interpretação é sua? Ou, vem projetada de fora para dentro, para que você organize o que vê e ouve de uma determinada forma?” Tipo, o que penso que é a realidade é uma projeção do que devo pensar que é real? “Depois a complicada sou eu! Mas, é por aí que quero

questionar. Cada realidade, uma realidade!” Como assim? “Cada uma enxerga o que vê, ouve o que escuta, interpreta com o que conhece, diz com o que sabe. Simples.” Simples uma pinoia! “De outro modo: você não é o centro do mundo, ao contrário, existe um centro no mundo que reflete em você o que você acaba por pensar que é! Hai capito?!” O quê? “Non parli italiano? Quis dizer: você entendeu?” Acho que entendi alguma coisa. Que centro é esse? Onde está? Quero entender melhor isso. “Está bem, vamos partir do entender e depois passamos ao perceber.” Agora, sou eu que te peço calma. Uma coisa por vez, por favor! “Então... o mundo tem um centro, um espaço de concentração daquilo que o mundo conhece de si, que o faz pensar e até mesmo acreditar que é. Um espaço central que dá conta de classificar as coisas para colocá-las cada qual no seu lugar. É um modo de colocar as peças nos seus devidos lugares em um tabuleiro mundo que necessita organizar o sentido das coisas e as suas relações com as outras coisas que também têm sentido.

Está acompanhando?” Mais ou menos, mas continua. Quero ver onde isso vai dar! “Seguindo... o mundo se organiza em um grande tabuleiro, organizado a partir de tabuleiros menores, cada qual responsável por um determinado jogo. Esses jogos estão associados entre si, neste grande jogo de tabuleiro em que as vidas jogam.” Uau! Acho até que faz sentido! “Bem por aí! O que faz sentido, foi produzido no jogo de algum tabuleiro, para fazer sentido em outros tabuleiros. Assim, vários tabuleiros podem se utilizar de algo que foi produzido como sentido, para fazer sentido em vários jogos.” Mas, cada um faz as suas próprias regras, joga seu próprio jogo, constrói seu próprio destino! Não é?! “Isso é o que se pensa. É o que faz sentido para vida. Mas, quem produziu esse sentido para a vida? De que tabuleiro veio isso? Por que não um outro sentido?” Alguma coisa começa a fazer sentido. Precisamos conversar mais. “Que bom que tivemos a possibilidade de conversar, assim a céu aberto. Mas, você sabe que estava aqui o tempo todo, talvez não quisesse me ouvir, ou ainda não era o momento para conversar. Talvez, você

tenha me ouvido porque algo fez sentido.” Acho que passou por aí. De repente ouvi algo. Algo que parei para ouvir. “Agradeço por isso, mas precisamos saber que nem sempre vamos agradecer de ouvir do outro o que as vezes não ousamos dizer de nós.” Forte isso! “Pois... É disso que precisamos conversar. Talvez, de uma possibilidade de saúde que só vai fazer sentido se produzirmos um sentido para essa saúde.” Interessante. Por falta de uma palavra melhor: interessante. “Para mim faz sentido! Vamos conversar mais vezes. Mas, vou te deixar uma coisa para problematizares: a vida não é um jogo de cartas marcadas, de dados viciados em que se pode antecipar o final das rodadas e apostar com a certeza do sucesso da aposta. A vida é um jogo sempre por jogar: viver. Alegria e tristeza alternam entre si um placar de sucessos e fracassos. Mas, o jogo não está perdido enquanto houver vida ainda por viver. Jogo ainda por jogar. Vamos conversar mais sobre isso: penso, percebo, sou afetada por coisas que excedem os sentidos e tomam a cena de sensações que não dizem, mas o corpo

responde! Precisamos esgotar nossas tristezas, nossos ressentimentos, nossas dores antes de sonhar com as alegrias, os bons momentos, o bem-estar e o bem viver. Primeiro é preciso tocar a ferida, remover os excessos de inflamação. E isso, muitas vezes e todos os dias e noites. Se bem que durante o dia dois mais, acho! Assim... ao meio-dia falamos das coisas do dia e a meia-noite falamos das coisas da noite. Prefiro a noite. A claridade ofusca!” Ufa! Você começa a falar e não para mais. Mas, foi um começo. “Comecei nada! Entrei na conversa que ouvi e aí você me ouviu e cá estamos.” Está bem, então... conversamos outra hora. “Conversamos ao meio-dia e/ou a meia noite, conforme rolarem os dados. Se bem que acho que temos muitos meios-dias antes de podermos ter algumas meias-noites. Mas, é por aí, talvez a gente mais perca do que ganhe. Talvez possamos até conseguir jogar de outros modos. Criar jogos novos. Gosto disso! Hoje foi meio-dia, mas também meia-noite” Bom retorno! Que retorne!

**UMA PAUSA:
reclamatórias, resmungos e reminiscências**

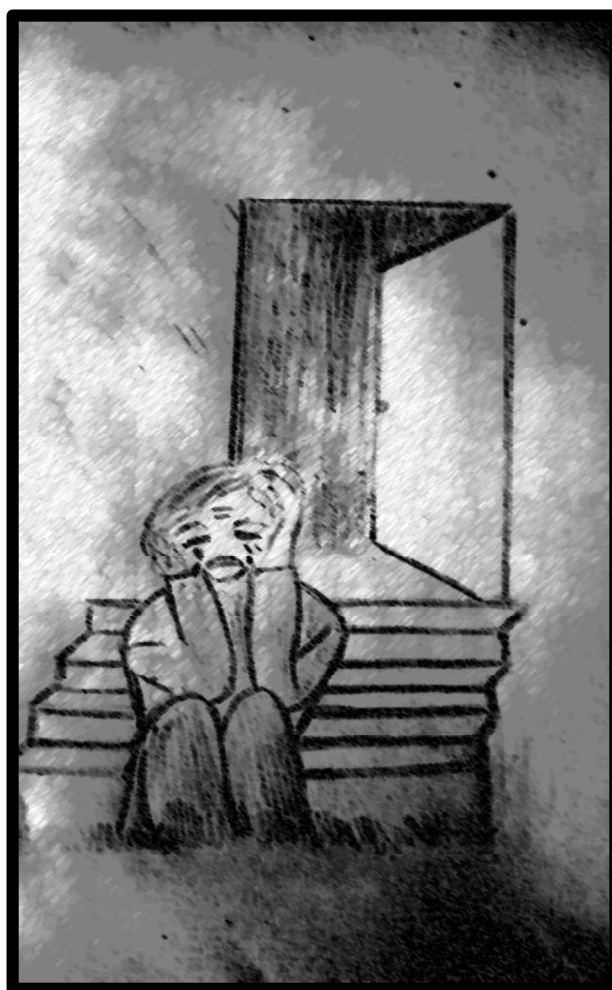


Figura 2: Resmungos
Fonte: autora

Peço licença para uma reclamação: necessito de um resmungo! A quem servem esses novos modelos de aula baseadas na tecnologia? Se os alunos não têm interesse pelos conteúdos, da mesma forma eles tão pouco o tem para as práticas didáticas com tecnologias e à distância. A quem servem as tecnologias? Se os alunos de posse dos seus aparelhos de celular passam a maior parte do tempo nas redes sociais e de comunicação do que de fato centrados nas aulas. A quem realmente serve o professor? Se o ensino e o aprendizado estão focados nas aprovações nos exames de avaliação governamental e nos testes de vestibular das universidades, todos somos submetidos a essa avaliação: o professor que obtém os alunos aprovados e os alunos que aprovam nestas avaliações. Se atualmente as escolas da rede estadual estão focadas nos gráficos de aprovação, colocando as responsabilidades com os conteúdos e as aprendizagens unicamente na mão do professor, retirando essa responsabilidade de estudar dos alunos ao garantir aprovação à todos, inclusive aos que não frequentam a escola, uma vez que

há um plano político previsto para as recuperações de aprendizagens e de frequências que não recuperam ninguém, apenas dão vida e aprovações aos gráficos produzidos pelas secretarias de educação, que se baseiam justamente nas aprovações garantidas a que somos submetidos a sustentar.

E quanto à educação inclusiva, nos atuais moldes de funcionamento? A quem isso serve? Realmente inclui ou exclui? Se em uma sala de aula com trinta alunos, temos também os alunos especiais, sob a proposta da inclusão, e que nos requerem maior atenção, desde o momento do planejamento das aulas e até dentro do andamento da própria aula. Se somado a esses fatores são jovens e crianças com necessidades especiais, que requerem profissionais habilitados a essas necessidades, na maioria das vezes alunos ainda não alfabetizados, e sequer os órgãos competentes oferecem qualquer curso de formação aos professores, que se veem dentro das salas de aula atuando diretamente com portadores dessas necessidades e que não tem conhecimento



ou habilitação para desenvolver um trabalho centrado nas habilidades que estes alunos precisam desenvolver. Somos cobrados para a realização eficaz desse trabalho que não sabemos como fazer.

E quanto aos livros e as bibliotecas, serão extintas? Com toda a tecnologia e informação digital, menos se lê, menos se busca, menos se sabe. O celular tem auxiliado nas relações intersociais na escola ou têm excluído e contribuído para o cyberbullying?

UMA CAMINHADA?



Figura 3: Sombras da noite
Fonte: autora

Anos passaram desde o acontecimento da pandemia, do estado de emergência e do caos instalado, mas, a situação de todos aqueles que viveram os anos de 2020 e de 2021, permanece igual: “Não saia de casa se não for absolutamente necessário.” Esse era, entre outros, ainda o lema do momento.¹

Enquanto o mundo lutava contra o coronavírus, os noticiários informavam sobre as vítimas que perderam a vida, sobre pessoas hospitalizadas e sobre outras que se sentiam ameaçadas, tristes, debilitadas, ou por haver perdido entes queridos, ou por estarem afastados destes. O mundo parecia mais instável e imóvel do que de costume: as pessoas aguardavam o fim destes tempos de medo e isolamento e o retorno das possibilidades de uma vida “normal”.

Isso pode ter sido um filme, uma novela, uma série, uma matéria de jornal ou de revista. Ainda não se sabe bem. A sensação é de algo distante, de um ouvir dizer. Por

¹ <https://coronavirus.es.gov.br/informativos-coronavirus>

vezes material e concreto, por outras distante e abstrato. O que se passou? As vozes continuam a ressoar. Ouço ainda ela, mesmo que às vezes não queria. Teima! Fala, fala, fala!

Em sua velha cadeira, frente à janela, ela travava uma batalha contra os seus terríveis inimigos internos: a impotência, a depressão, a ansiedade e os seus temores mais horrendos. Não mais se sentia parte daquilo que sempre fora seu território.

Ela me causa um desconforto. Insiste em dizer das dores!

Em meio a concretudes ao sol e devaneios à lua, em dias que pareciam madrugadas escuras e tormentosas. A insônia e o silêncio eram seus companheiros, abismos, tropeços, rabiscos, cafês, comprimidos, computador e seus demônios interiores.

Meio-dia e meia-noite perderam um sentido. Ora sol, ora tempestade, ora lua, mas de modo simples e cruel, a paisagem refletia algo distante e turvo visto pela

vidraça embaçada. Algo muito cinza que fazia os ouvidos doerem.

Ela há algum tempo, fazia uso das chamadas “pílulas da felicidade” no intuito de suportar um estado recorrente de ressentimento e perda de potência de vida. Lidar com suas próprias trevas parecia-lhe cortante e mortal. Mas, era apenas mais uma vítima do mal do século, nos seus confusos e sombrios sentimentos. Teimosos acompanhantes. Uma sensação recorrente de débito gritava diuturnamente aos ouvidos. A velha impressão de dívida, consigo e com suas demais obrigações. Parece que essa sensação paira no ar.

Ela não se contenta em sentir. Parece ter a compulsão em poder dizer do que sente. Parece estar engasgada sem poder respirar e só lhe resta cuspir, inclusive palavras.

Vivemos sob a égide do trabalho, da falta de momentos de ócio e de um pouco de descompromisso. Ruminamos à falsa ideia do dever de estarmos sempre felizes e não aceitamos que o sofrimento seja inerente à condição humana, o que estabelece um

juízo contínuo. Essa necessidade da sensação de bem-estar frente às nossas obrigações perante a acelerada sociedade capitalista não é uma realidade possível o tempo inteiro, é uma utopia deste mundo de produção de tudo e qualquer coisa.

Ela não consegue digerir tais sensações e não entende a sua tamanha inaptidão. Ela sofre e, por vezes, lamenta de ainda respirar neste local inóspito que se tornou o mundo; mas, segue. Não desiste. De algum modo, enquanto pode dizer, vive. Vive entre o escuro e as sombras, mas ainda sonha em poder para além da janela embaçada de sua respiração tão próxima.

UM PASSO MAIS



Figura 4: Desesperos
Fonte: autora

Tic-tac, as madrugadas permanecem longas. Mais um café, uma pílula, um rabisco, uma página e mais uma aula preparada, na esperança de que algo melhor aconteça.

Ela dorme em pé e acorda deitada. Puro paradoxo de um paradoxo que ao longe dá a ver uma cor, mas de perto só faz trazer mais um cheiro de dor.

Mais um acesso ao *Classroom*, mais um material postado, mais algumas planilhas elaboradas e ainda o sentimento de débito e de extremo esgotamento. Alunos, um ou dois e, por vezes, nenhum. Os demais não compareciam, sem qualquer explicação. Recebiam materiais que não tinham devolutivas e a maioria não se fazia presente nas novas aulas oferecidas agora em formato EAD. Essa é a nova realidade da educação mediada pelas plataformas digitais, solução para esse tempo temeroso que compreendeu os anos de 2020 e 2021. Sem alunos, mas com a aprovação garantida, pelos órgãos competentes, para todos. Tudo em nome da educação e em

decorrência da crise gerada pela pandemia do COVID 19!

O que se passou? Ela questiona. A voz se dispersa em mil ressonâncias de outras vozes. Fazem onda e reviram o que encontram. Difícil algo ficar de pé, quando as coisas tropeçam em si.

Ela atuava como professora em pequenas escolas públicas de bairros desfavorecidos e bastante carentes, em uma cidade do interior. Ela buscava explicações para a questão das aulas vazias. O que teria acontecido? Os alunos estariam desmotivados, doentes ou sem condições de acesso? Por fim, entendeu que muitos de seus alunos não estavam preparados para essa nova fase, com as aulas nesse novo espaço digital, uma vez que, parte destes não teria acesso à internet ou não teria ferramentas necessárias, como celulares ou computadores para que pudesse acessar a plataforma. Muitas famílias contavam apenas com um celular ou computador para vários filhos, e pouco espaço físico, internet com pouca velocidade entre outros problemas

enfrentados por muitas famílias brasileiras. Mas, felizmente, não foram todos os estudantes que enfrentaram essa dificuldade. Alguns somente não acessavam as aulas. Os motivos, ainda não estão claros. Como sabê-los?

Isso parece uma notícia pós-apocalíptica. Um discurso de um peso que pesa nos corpos que encontra, sem dó.

Durante essa época de pandemia, muitos alunos estavam se alfabetizando e outros concluindo a educação básica. Alguns conseguiram participar das aulas digitais, mesmo que, com reclamações a respeito das dificuldades que esse novo modelo lhes impunha. Outros, realmente, vivendo abaixo da linha da miséria e do subdesenvolvimento, não tinham condições de acesso às aulas. E por último, os que simplesmente não estavam interessados em participar dessa nova maneira de presencialidade na escola, e mesmo que não precisassem sair de casa, nunca acessaram as aulas e os materiais disponíveis na plataforma. Eram os “alunos fantasmas”, que estavam na lista

de chamada e dos quais não se tinha qualquer notícia, mas que lograram atingir a aprovação, alguns já em séries avançadas e ainda não alfabetizados.

Não sei se tudo isso aconteceu. Nem sei se isso importa. O que as palavras dizem compõem um conjunto de imagens que adquirem movimento e criam cenas. Distantes ou próximas. De algum modo, produzem sensações e sentidos.

O que se passou? Seria o fim dos tempos? Ainda, não segundo dizem. Perto, segundo contam.

UMA PAUSA: UM RECOMEÇO



Figura 5: Tropeços
Fonte: autora

Finalmente o mundo recupera o fôlego. Encerra-se o enclausuramento e as coisas parecem estar se reacomodando, voltando ao “normal”. As pessoas já podiam se reencontrar, sair da reclusão. As aulas recomeçaram, agora de maneira presencial, como todos desejavam e aguardavam ansiosamente. Bem, ao menos essa era a ideia que se tinha com base em tudo o que se viveu e nas reclamações e sugestões vindas dos poucos alunos com os quais se tivera acesso naquele tempo em que as aulas ocorriam de maneira online. Mas, algo novo se passou.

Ela sempre foi contraditória. Talvez, uma de suas maiores virtudes. Ela pensa bem diferente. A contradição lhe rasga a carne, expõe os ossos, escorre o sangue. Uma cética esperançosa!

O clima que circundava a escola já não tinha o mesmo aroma juvenil, aquele que se experimenta nos inícios de primavera, com aroma da flor de laranjeira. As coisas estavam diferentes, as engrenagens pareciam não funcionar. As aulas não

voltaram a ser como o esperado, sequer semelhantes ao que foram num passado nada distante. Os alunos regressaram diferentes. O que se passou?

Sempre o que se espera! A mentira que se conta pra si como espaço de estabilidade. Um contraditório recorrente!

As coisas estavam diferentes: haviam se desarranjado em uma sinfonia desarmônica, ruidosa. As pessoas vinham de um período pandêmico trevoso, onde, de alguma maneira, experimentaram papeis em um cenário marcado por dores, perdas, medo, pânico, recolhimento e solidão. As pessoas, de algum modo, agora pareciam diferentes. A vida parecia ter pausado durante um determinado momento, e logo, reiniciado, mas com a sensação de adoecimento, do corpo e da alma.

Não é de hoje, menos de ontem e não será de um amanhã que curaremos as fraturas dessa noção de humanidade na qual vivemos. Mas o que ela ressoa em sua voz é um corte exposto, com um tom de crueldade.

Durante esse tempo de isolamento físico, as pessoas tiveram a necessidade de reaprender a se relacionar, conservando a característica humana da comunicação e da socialização. Era inevitável, a vida continuava, mas como tudo naquele momento sofreu atualizações. Os encontros, do mesmo modo, também se atualizaram. Assim a vida social e as relações humanas se perpetuaram, ainda que da única maneira possível para aquele período: pelas redes digitais.

A humanidade experimenta, assim, uma forma de evolução da vida, onde os seres se adaptam e sobrevivem ao ambiente, conforme a teoria da evolução, de Darwin². Mas, seria isso?

Ela resmunga. Muito. Mas provoca a pensar. Um mínimo de terra sobre os pés e uma ínfima corrente de ar para pensar!

² Teoria do naturalista britânico Charles Darwin, publicada em 1859, que se baseia na seleção natural, mecanismo que dirige a evolução das espécies. A seleção natural consiste na ideia de que os organismos mais adaptados ao ambiente têm mais probabilidade de sobreviver e reproduzir-se.

Essa evolução e adaptação ao novo território habitável e suportável nos ofereceu a possibilidade de descobrir novos ritmos, modos e meios de existência. Desta forma, passamos a habitar corpos físicos implicados em vidas digitalizadas, cuja dimensão da existência humana passava a coexistir em mundos paralelos, que se misturavam e se fundiam em uma única vida passível de existência, de sufoco e de respiro. Adentramos em um território misterioso e perigoso, frequentado por mocinhos e vilões. Vivemos em terras com mais traços digitais; nos assemelhamos a avatares. Quem não teve o seu?

Qual o problema de criar versões de si? Nenhuma. São variações. Mas estamos preparados para perder a noção da origem desse si? Afinal, somos muito sedentários!

Sem possibilidades de sair de casa, na tentativa de fuga de momentos de solidão, as pessoas desfrutavam de momentos de descontração em grupos de conversas, de amizades e de relacionamentos. Acessaram e aproveitaram, maravilhadas,

os sites de compras online, que levavam até elas tudo o que necessitavam.

Nos maravilhamos, para além do bem e do mal, com tudo o que a tecnologia nos ofertou via celulares, redes e computadores. Nos deslocamos por entre as latitudes e longitudes do globo terrestre em questão de segundos, estávamos sempre acompanhados pelas chamadas que fazíamos pelo *Meet*, nos divertíamos com as fotos que podíamos postar e inclusive promover modificações e melhorias. Nos extasiávamos com as inúmeras visualizações, comentários, curtidas e solicitações de amizades que recebíamos. Embora os tempos fossem de isolamento, muitas vezes sequer nos sentíamos solitários, tínhamos entretenimento e os mais de mil amigos virtuais que nos acompanhavam diuturnamente.

Ela me faz pensar. Nunca com tantos e ainda mais sós.

Assim, nossos avatares ganharam vida e passaram a assumir nossos papéis, nos representando como atores, que

contracenam neste palco virtualizado, onde nós existimos e participamos, por vezes, mais como plateia ou coadjuvantes, do que como protagonistas, muito embora muitos de nós de fato chegaram a ser os protagonistas de histórias criadas excepcionalmente para este espetáculo, sem nunca as ter vivido no mundo concreto.

Sim, esta maravilha permitiu às pessoas serem o que sempre sonharam, parecer com o que desejavam, dizer o que queriam, sem receios. Tudo era possível a partir desses personagens que ganharam vida e que representavam uma sem carne, sem ossos e sem sangue.

Ah, quem me escuta: viajamos para terras distantes, as demarcamos, as cultivamos e as tornamos habitáveis e, acima de tudo, as amamos. As transformamos em nossos novos lares, assumimos papéis e posições, nos redesenhamos, assumimos novas formas físicas, fizemos amigos, nos habituamos a tudo o que ela nos oferecia e, de repente, voltamos para casa, para a nossa antiga casca.

Mas, como voltaremos a ser o que éramos antes dessa viagem? Uma viagem modifica as pessoas. Você não se modificou em alguma de suas viagens?

Nossos jovens cresceram nesse novo território, alguns nasceram nessas terras e hoje são imigrantes aqui no velho mundo, e atualmente, nesse período pós-pandêmico, de reorganização e reabilitação da vida, já não se sentem em casa. Alguns jovens foram repatriados e redesenhados por esse novo modelo existencial que foi, inevitavelmente, criado. Muitos, inclusive, têm uma casca muito fina e delicada para as intempéries daqui de fora.

A humanidade viveu a condição de personagens-avatars que habitavam esse território, sofrendo mudanças internas. E agora? Com essas rupturas, construiu uma vida real-virtualizada, por vezes, mais agradável e tolerável do que aquela do mundinho que antes habitavam. Alguns mudaram de fisionomia, outros de orientação sexual, alguns descobriram profissões, se tornaram influenciadores digitais, habitaram e ainda habitam

mundos onde tudo é possível. Hoje, de volta ao planeta predecessor, precisam aprender a lidar com as escolhas e aceitações da permanência nesse mundo real, abstraindo e distinguindo entre realidade e paralelismo, entre sim e não, entre possibilidade e impossibilidade, entre objetividade e subjetividade, entre amigos virtuais e amigos humanos, entre amizade e inimizade, entre verdade e mentira, entre o verídico e o fake. Dentre todas as sensações de maravilhamento e encantos que a rede nos proporcionou, as pessoas também vieram a conhecer alguns vilões que vivem nessa terra chamada “Digital”: as *Fake News* e a desinformação que gera nos usuários da rede, os golpes digitais do cibercrime; o cyberbullying; os hackers; a pedofilia digital; os fake relacionamentos; os jogos que incitam a morte, como o da “Baleia azul”; os movimentos de manipulação que instigam a violência, como “o dia do massacre”; as *Deep fakes*, as doenças psicológicas geradas pelas intermináveis horas destinadas às TIC, o uso indiscriminado

da linguagem da internet, chamada *Netspeak*, e etc.

Caro narrador, você conhece algum jovem que não seja adepto às redes sociais e que não se sinta em casa neste ambiente?

O fato é que, atualmente, os jovens têm dedicado muitas horas do seu tempo conectados às redes sociais e, em decorrência, deixado de ler, de dormir, de ver ou ter amigos, de realizar atividades físicas e deixado de se ocupar com as tarefas comuns de estudante. Além disso, essas horas excessivas frente às redes, têm gerado algumas enfermidades tais como a dopamina digital, que traz inúmeros inconvenientes e comprometimentos à saúde mental.

Como nós educadores devemos proceder frente a essa enxurrada de informações?

E, como podemos, hoje, arrancar esses seres advindos de seu novo habitat, e fixá-los em um espaço-aula real, ou seja, não virtualizado, concreto, forçando-os a permanecer e habitar esta terra árida, sem cor, sem possibilidades, sem as

ferramentas que dispunham nos mundos abstratos digitais? Como reconvertê-los em seres de carne e osso, matando os seus avatares, cheios de possibilidades e oportunidades, desconsiderando todas as experiências que tiveram naquele mundo extraordinário?

Eis que estamos aqui, frente ao pelotão de fuzilamento, como o fez aquele personagem que conta a história de Macondo.³ E, talvez a resposta seja: educação.

Quem me escuta neste momento, pode avaliar que ela mais que rascunhar, desenha um cenário nebuloso, cercado de esquinas escuras. Mas, quem viveu esse tempo distópico da pandemia, talvez possa ser afetado por essa paisagem.

O que você pensa disso?

³ Personagem Aureliano Buendía, de Cem Anos de Solidão, obra de Gabriel García Márquez, publicada em 1967.

RABISCOS DE UMA AULA



Figura 6: Realidades paralelas
Fonte: autora

De volta à escola! Os reencontros entre alunos e professores estavam marcados por muitos sentimentos, de ambas as partes: emoção, tristeza, anseios, dúvidas, alegrias e medos. Todos pareciam temerosos e ansiosos pelo recomeço.

Alguns personagens deste cenário haviam perdido a batalha e ainda lamentavam os infortúnios pelos óbitos de entes queridos, outros estavam fisicamente bem, mas sob tratamentos psicológicos e ou psiquiátricos e fazendo uso de medicações. Muitos novos laudos de TDAH e semelhantes surgiram. A ansiedade, as crises de pânico, as automutilações, a depressão, a esquizofrenia, as tentativas de suicídio e o uso de drogas, agora compõem a nova realidade dos jovens. Todos novamente dispostos em uma aula, uns em tratamento, outros tantos em estado de adoecimento, sem qualquer auxílio; todos ocupando o espaço de uma mesma aula.

Nesse cenário pós-guerra encontram-se os jovens e os professores, muitos são os novos desafios, com muitas dificuldades a ambientação a este novo momento. Temos

novos desafios: recompor aprendizados, resgatar alunos, reorganizar aulas receber e garantir a inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais, ensinar e motivar novamente os seus alunos a estudar, a aprender e a serem alunos outra vez. Também precisamos nos automotivar a nós mesmos, professores, frente a tantas novas situações que se impõem!

Os novos desafios que este novo momento exige, são gigantescos e a velha sensação de débito passa a ser diária, ora como força motivadora, ora como penumbra. Desalento, desassossego e mais algumas noites em claro são alguns sintomas imediatos.

Alunos inquietos, ansiosos, infrequentes, que não conseguem se concentrar, são uma realidade imediata. Indiferença e desrespeito, uma preocupação e um receio.

Talvez tudo isso já constituísse o ambiente escolar e a experiência pandêmica apenas catalizou essas linhas, provocou essas emergências a céu aberto. Você já pensou nisso? Faz tempo que a educação vem

cultivando linhas de morte! Parece que tudo hoje precisa girar ao redor da tecnologia que se coloca como redentora de todas as mazelas, mas isso está funcionando? Está bem, não tenho respostas, mas ainda tenho forças para continuar a questionar? Isso é ruim? Ou deveria viver a indiferença das realidades que não me afetam diretamente? A dor do outro, por provocar dor em você, deveria ser julgada como indesejada? A dor do outro dói, por você projetar essa dor em você mesmo, pelo que já viveu, vive ou viverá? Porque você não consegue lidar com isso e prefere fechar a porta, afinal não vale a pena problematizar esses medos e ansiedades?

Ela resmunga muito, mas não relega a dor, a espreme!

Ela pensa naquelas histórias antes contadas em aula, que perderam espaço e parecem ter se tornado peças obsoletas e antiquadas, não chamam mais a atenção. De fato, é importante lembrar que a leitura já não era o alvo das atenções dos jovens anteriormente, e hoje sequer é uma opção

entre as alternativas dos estudantes. Eles não gostam de ler, não têm hábito de escrever, não estão dispostos a realizar qualquer atividade proposta, parecem moribundos, agonizando pelo último mergulho nessa fonte que os leva de volta para si mesmos por linhas de *bits* e *bytes*.

Os novos alunos que frequentam os espaços físicos da escola, agora estão extremamente dependentes e adictos a um novo elemento, que não somente as medicações tomadas por alguns destes. Trata-se de um equipamento eletrônico que agora figura e opera como parte dos seus corpos, e que tem funcionado como uma espécie de tentáculo extra corporal, que os interliga a todos os mundos paralelos em que habitam: o telefone celular.

Assim, ela aceita seus desafios: resistir a esse braço humano-robótico que se acopla nos corpos de seus alunos. Mas como fazer isso?

Desculpa a intromissão, e permita-me contribuir com essa discussão: me interessa, problematizar sobre a

possibilidade de uma resignificação com respeito a esse novo membro corporal que se adjunta aos corpos dos jovens com os quais lidamos diariamente e que, de certo modo, os afetam e nos afetam. Talvez, isso possa funcionar, com uma certa prudência, como uma ferramenta extra e dar mais ritmo, cor, comunicação e colaboração às aulas. Aliás, é também importante lembrá-lo de que hoje, mesmo passados anos do retorno à presencialidade, ainda temos alunos que se encontram em situação de semipresencialidade e que frequentam aulas no espaço virtual, seja institucionalmente respaldado por laudos, seja de forma ilegítima, frequentando o espaço físico escolar, porém conectados simultânea e paralelamente à aula e ao mundo exterior, virtualmente.

Sabe, tenho profissionado com um espaço mais favorável para que as aulas aconteçam e mais promissor à socialização, à digitalização e ao aprendizado!

Parece conto de fadas, mas, professor também sonha como tensionava uma certa salamandra.

Ela não pretende travar uma batalha com as temerosas e indesejadas tecnologias, mas associá-las, na medida do possível. Atualmente, tem buscado novas formas de aproximação e funcionamento dos seus fazeres docentes.

Será o suficiente? Funcionará na prática?

Não se sabe. Não se pode saber, mas assim como ela, outras milhões de personagens que, atualmente, têm travado batalhas internas e externas, por entre cenas de salas acinzentadas e corredores coloridos, acompanhadas de chás, sonhos, medicações, incômodos, esperanças e desilusões, em busca de soluções, renovações, recriações. Algo que traga alguma força capaz de despertar uma diferença, um novo modo para que as coisas funcionem. Não mais como antes, uma vez que nada mais poderá ser como era antes. O antes já se passou, já não faz parte do presente e provavelmente não será lembrado no futuro. As situações são

inusitadas, os problemas mudaram, os envolvidos não são os mesmos. Novas situações se apresentam e requerem novas perspectivas de relação.

Essa parece ser a questão chave: perspectivas! Não mais repetir o que se fazia, mas tensionar o que ainda se pode fazer.

Ela deseja a cor, mas a dor teima em aparecer no horizonte: um cadafalso no qual os funcionários da educação aguardam a sentença de uma morte anunciada.

CORRERIAS, DESLOCAMENTOS E ANSEIOS

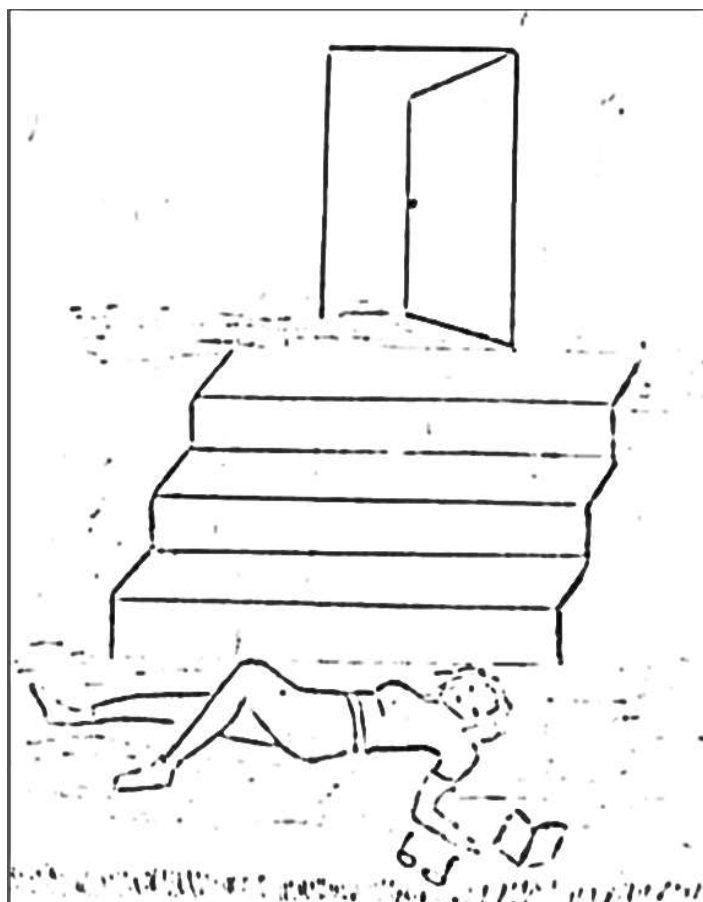


Figura 7: Agonizante

Fonte: autora

A cada dia, mais angústias, sobrecargas, afazeres e de questionamentos, que sem respostas nem soluções, retiram as forças vitais, e, pouco a pouco, anestesiaram o corpo que convive com a dor, mas não a manifesta. Assim, essas dores pairam como fantasmas nos corredores escolares, invisíveis e caladas. Afinal, de que vale externar a dor de um corpo?

Assim, ela transita entre escolas, por entre inúmeras turmas e adiantamentos, carregando no corpo estados de esgotamento e cansaço.

Por um lado, alunos cada vez mais ansiosos e agitados, por outro, professores exauridos, desassossegados e com ínfimas alternativas de reduzir essas aflições. Professores que desejam contribuir para uma formação digna dos estudantes, porém os estados de exaustão enfraquecem as iniciativas possíveis.

Se você questiona essas questões, talvez desconheça o cotidiano escolar, no contexto da educação básica, não apenas pública, mas também privada. Não temos que falar sobre isso? Falar disso, não de

fora, como quem analisa uma situação na condição de emitir um diagnóstico e prescrever uma solução, mas por dentro, na esteira da experiência de quem vive esse cotidiano.

Muitos destes professores passam a maior parte do tempo em aula e a outra parte se deslocando entre escolas e respondendo mensagens nos grupos de WhatsApp.

Mas, ela ainda tem esperança. Só não aceita ficar inerte, imóvel e calada.

Deseja algo para além da velha cadeira, frente a janela, e ainda aposta em dias mais coloridos. Algo que aconteça e a tire desse lugar cativo do qual nos últimos tempos tem sido prisioneira e refém.

Ainda prepara aulas nas madrugadas em sua confortável cadeira, entre um chá e outro; um comprimido aqui outro acolá, um rabisco, um pensamento e um possível desenho; ela lamenta, mas ainda teima em sonhar. Não é fácil dar conta dessa vida!

Entre jovens e não tão jovens senhoras e senhores, muitos sem muitos amigos e pouco entretenimento, dirigem-se de um

lado para o outro da cidade, apressados, dividindo o pouco tempo que têm entre escolas, reuniões, grupos de WhatsApp e muitos pensamentos, ora assombrosos e perturbadores, ora esperançosos, muito embora, percebam que a esperança tem frequentado menos suas elucubrações.

Ela ainda deseja ser e fazer a diferença na educação, porém não consegue ser ou fazer qualquer diferença nem mesmo em sua própria vida. Sente-se impotente e fragilizada!

O que se percebe é que isso não é uma realidade somente dela. Basta rabiscar de pronto os níveis atuais dos adoecimentos docentes!

Qual seria a solução, o remédio para todos esses sintomas? Haveria uma cura para essas dores que a atravessam e desorientam estes professores?

Permita-me uma pergunta: a senhora tem filhos?

Claro, como não? Tenho um menino de 15 anos, o Bob. Um lindo shih Tzu branco amarelado, simpático e muito alegre. É,

caro amigo, filhos humanos, não os tive. Como teria tempo para eles em meio a tanta correria?

Diante de todos esses fatores que lhe causam tanto sofrimento e preocupação, ela passou a repensar a sua atuação como educadora e a sua própria vida, como cenas de um filme, que avança e rebobina, rasgando as imagens com cortes e lapsos de memórias, de esperanças e de tristezas.

Ela entendeu que ainda há tempo de fazer um último movimento, e saiu a procura de leituras que a auxiliassem nessa questão, porém estas não sanavam as suas dúvidas e necessidades. Percebeu que precisava cuidar um pouco melhor de si e da sua saúde, para a partir de então poder cuidar melhor dos demais.

A vida não tem roteiro determinado, as noites e os dias se alternam e só se tem o que acontece.

Após um mal súbito e algumas crises de ansiedade, decidiu fazer caminhadas nos finais de semana, respirar ar puro em meio às árvores que compõem a bela paisagem,

pouco explorada, da cidade. Sentia-se a cada instante mais enfraquecida, as situações adversas a afetam e desfalecem a claridade e o calor do sol.

Em uma de suas caminhadas, percebeu o quão dependente a humanidade está do celular, vislumbrando famílias inteiras nas praças e nos restaurantes sentadas sem trocar uma palavra sequer: todos estavam conectados em seus smartphones às redes sociais, falando pelo WhatsApp com outras pessoas. As crianças, que antes brincavam, até mesmo os menores, agora estão sentados com o celular nas mãos, ainda não sabem ler, mas manuseiam com esperteza as telas com dedos que vão e voltam.

Percebeu a questão do celular não é exclusiva das aulas, ou da escola e tão pouco dos jovens, agora é uma questão generalizada pela humanidade; Pais e filhos, jovens ou não, todos cultuam e reverenciam essa sublime divindade tecnológica da qual a vida parece ter se tornado refém.

Seria o celular um inimigo da sociedade, ou só mais um artefato tecnológico que requer que a sociedade se reinvente? Isso precisa ser problematizado!

Durante seu percurso pelas ruas, encontrou Nietzsche na vitrine de uma livraria. O título lhe chamou a atenção, dizia: “Além do bem e do mal”. Comprou. Voltou para casa. Algumas horas de leitura: sentiu-se surpresa e ansiosa. Leitura ótima, mas restaram ainda mais dúvidas e questionamentos. Nenhuma resposta. Pensou: esse problema não tem solução?

Saiu apressadamente refazendo o trajeto até a livraria. Sentia náuseas, tonturas e asfixia. Senta-se à calçada. Sensação de débito e de fraqueza. Deprimida. Crise de ansiedade. Falta de ar. Pensa no fracasso! Nem Nietzsche tinha respostas. Princípio do fim? Agonia!

Triste e quase sem energia vital, permanece sentada, imóvel sobre a pedra gelada. Desfalece, pálida, sem saber para onde iria ou se poderia voltar. Um gosto de morte em meio a rabiscos que trazia em

mãos. Uma realidade simultânea. Linhas indiscerníveis.

Alguns segundos. Uma voz murmurante. Alguém diz ser Deleuze. Mas, quem é Deleuze? Uma voz entredentes sussurra: “A potência não reside em encontrar as respostas, mas na possibilidade de poder continuar a fazer perguntas, isto é, devir em um eterno questionar...”. E. continuou: “A potência não reside em encontrar as respostas, mas na possibilidade de poder continuar a fazer perguntas, isto é, devir em um eterno questionar...”

Pensar, é um ato de violência!

Pensar pode doer!

Tosses e soluços. Infortúnio de ainda estar viva. Quem é Deleuze? Quem é Deleuze? Moço, você é Deleuze? Senhores... Quem de vocês é Deleuze?

Nenhuma resposta. Um indício de loucura? Que vozes seriam estas?

Empalidecida, esmorece sobre a calçada. Adormecimento, renasce. Restabelece os sentidos. A voz insistia em sussurrar.

Trace um ponto no caos, dirija um olhar ao redor, recolha as matérias e experimente um percurso de invenção-criação e o retorno inevitável.

Dias passaram. De volta à vida. Voltou à livraria a procura daquela voz sussurrante. Entre as prateleiras, atrás de outros livros, um rosto chama a atenção. Com títulos e capas diversas: Deleuze!

Ela aproxima-se e arrisca uma conversa. Resposta nenhuma. Uma sensação estranha. Alguém entre passos pelos corredores. Algo breve e fugidio. E, por entre pontos de luz, transpondo a janela murmura: desloque-se senhora, saia do lugar!

Atordoadas, decide levar alguns de seus exemplares. Uma companhia para algumas noites às claras enquanto devaneia à luz da lua, entre chás, comprimidos, rabiscos e pensamentos tenebrosos. Quem sabe o espectro volte a me visitar e aceite uma xícara de chá.

Era o início de uma batalha entre luzes e trevas, entre livros e redes de conexão,



entre o humano e o virtual, entre o físico e o sobrenatural.

"Quantas senhoras M., S., F., W., Z. ainda se sentam frente às janelas, aguardando não a volta ao que era, mas a invenção do que pode vir a ser?"



Artegrafemas: MEIA-NOITE (doloríficas)

INTERMEZZO



Figura 8: Agonizante
Fonte: Corolários

Ela. caminha sobre o fino fio do tempo, um entre, um intermezzo. Nem inteiramente ontem, nem ainda amanhã. Ela habita a dobra.

Passado murmura em fragmentos. Porvir sussurra aos ventos. Um ano. Outro. Esvanece. Perdura o tempo, mestre em escorrer silenciosamente por entre os dias. Máquina de fuga. Linha que se perde em mil dobras. Ela estava lá. Firme e inabalável. Outra posição. Mesma janela. Corpo imóvel. Não inerte. Ritual sagrado de delicada teimosia. Percebe as cenas que passam. Um mundo fora. Veloz. Organiza um território. Dentro. Mínimo. Organiza o que pode. Tenta.

Uma luz envolve. Revolve lembranças. Pintura. Antiga. Não envelhecida. Esquecida. Tempo dá as costas. Não contempla. Assume um canto. Transversa o olhar. Suspende o tempo. Percebe o que passa. Tenta. Uma tela. Viva e vibrátil. Ainda sem fôlego. Respira um porvir. Ressoam um irrealizável. Redunda um ainda pulsante.

Uma cor de coragem. Gradientes de sopros de vida. Não explode. Dobra. Carinhosa irrupção. Entre gritos. Sustenta. Outra vez. Um possível. Corpo de silêncio. Tensiona ausência. Espera. Desiste. Não!

Olhava. Ela. Olha. Aprecia. Um luar de devoção. Uma luz. Insinua sobre a pele. Repousa em força. Ancestral, perimetral, atual, potencial. Toque no rosto. Suave. Um esboço em afago. Esboçado. Afagado Silêncio da noite. Nada dizer. Ruídos do dia. Diz tudo. Nada a dizer.

Outra vez. Uma cadeira. Outra vez. Uma janela. Corpo. Ela. Repousa. aparente imobilidade. Apenas figura. Corpo Território. Código. Voz. Olhos deslizam. Afetados e atravessados. Olhos param. Rua deserta. Profusão de pensamentos. Ritmo. Outros. Leves. Um perfume. Uma atmosfera. Outras Pensamentos. Outros. Pairam. Pesados. Um odor. Outros. Pulam. Flutuavam. Batem asas. Entre silêncios. Vendavais no caos.

Ela estava à espera, não uma espera daquelas que se arrasta no vazio do tempo morto, era um aguardo de vigília e intenção

que vibrava no intervalo entre o que já não é e o que ainda não se deu, era potência.

Margens de um ano novo. Um limite. Não apenas aguarda. Aposto. Um porvir. Por vir. Compõe com o tempo. Ela. Percebe o momento. Respira.

Ela. Entre passos. Tortos. Tortas. Não fazem retas. Linhas. Bifurcam. Rompem. Enroscam. Encontram e perdem. Perdem-se. Passos. Linhas. Encontram. Outras. De existir. Forma. Substâncias. Expressões. Conteúdos.

Gesto. Linha, Toque. Ponto. Eco. Cheiro de vozes. Cores de cheiros. Memórias. Escorrem. Encrustam. Tempos. Terras. Momentos. Entre as unhas.

Ela. Olha ao redor. Unhas. Recolhem restos. Restam restos. Resto em fios. Desfiam. Outros rastros. Persegue. Ela. Tece. Entre unhas. Outros. Fogem. Rastros. Restam fios. Entre partes. Fragmentos. Conectam. Tecem. Rasgam. Alinhavam.

Uma. Linha. Cada linha. Uma. Insistente. Tenta. Sonha. Traduz um indizível.

Transdução indiscernível. Transcrição de partida e chegada. Um bordado. Borda uma. Linha. Procura borda. Silêncio. Entre gritos e algazarras. Afasta do centro. Procura margem. Borda. Entre sensamentos, sensacionamentos e sensações. Imanentes, insistentes e consistentes.

Tecia linhas. Ela. Ainda tece. Vontade. Não espera. Move. Tensiona, meio. Limite. Retorno. Traço. Um campo de imanência. Algo, ainda sem nome, ainda sem corpo, passa. Entre cinzas e vermelhos. Tons de azul e cinzas vermelhas. Alternam. Apagadas. Queimam. Ritmos. Personagens e paisagens.

Ouve um silêncio. Ela. Entre sinais. Traçados. Tracejados. Linhas. Percursos. Cartografias. Códigos abertos. Movimentos. Esperas. Suspendem. Tensionam. Outros. Movimentos.

Ela. Heroína do tempo. Escrevente entre ruínas. Meio. Desmorona nas bordas do passado. Ela. Redescobre o brilho em pó. Sopra palavras. Redescobre o perdido. Ela. Tempo.



Contornos do porvir. Ensaaios. Uma ainda.
Pulsa. Uns podem. Talvez, possam.
Outros. Toques. Alguns. Gestos. Pulsam,
Passam. Voltam.

Sem começo. Sem fim. Meios. Passagens.
Entremeios. Encontros.

Escreve. Respira. Respira a escrita.
Escreve. Sem registro. Inventa.
Respiração. Arrisca. Limite no limiar do
limite. Tensão. Um intervalo. Viver. Um
espelho rachado. Vida. Um encontro.
Fenda. Desejo sem rosto. Fissura. Ela.
Escreve. Intermezzo de entre rasuras.
Retornam.

ENTRE TEMPOS



Figura 9: Porvires
Fonte: autora

Entre tempos, algo se rasga e se recompõe.
Um sopro, um silêncio, uma vida, um
intervalo. Não é mais o que era e ainda não
é o que será.

O corpo, suspenso entre o antes e o depois,
aprende a permanecer no entre, onde o
tempo não corre, vibra e pulsa. E o que
corre, é o caos, de onde minimamente, em
luta, ela tenta recolher algo.

Houve um tempo difícil. Um tempo que não
passou, simplesmente, que nos
atravessou, nos rasgou e costurou, entre
os anos de 2020 e 2021, e que mesmo
depois, se estendeu como sombra
descolada do corpo, mas que persiste,
ainda que a posteriori, em insinuar-se nos
corpos, nos ritmos e nos vínculos. Um
tempo espesso, cheio de rupturas
invisíveis, de vazios ruidosos e de
presenças ausentes.

Entre rasgos e remendos, sobrevivemos à
pandemia do COVID-19 não apenas no
corpo: sobrevivemos no espírito, nas
rotinas rasgadas, nos afetos em
suspensão. Eram dias que pareciam não
ter fim, em que o sol nascia e se punha com

uma regularidade quase cruel, zombando da nossa desorientação, do vazio que se acumulava entre o começo e o fim de cada dia, sem que soubéssemos exatamente o que estávamos vivendo.

Naqueles dias turvos, fomos obrigados a inventar novas cartografias de encontros, refazer os laços, mesmo que costurando com linhas frágeis aquilo que o isolamento descosturava. As relações se tornaram fragmentadas entre pausas forçadas, telas opacas, presenças remotas, silêncios digitais e saudades que não podiam ser abraçadas. Tudo parecia suspenso em um tempo sem corpo, onde o toque era memória e o encontro, uma promessa adiada.

Fomos forçados a reinventar a escola sem o pátio, o trabalho sem as conversas do café, o cotidiano sem os encontros. E, mesmo assim, criamos formas de continuar, por vezes precárias e provisórias, mas necessárias e possíveis. Linhas de fuga traçadas entre a tela e o corpo, entre o medo e o gesto, entre o silêncio e a palavra.

Foram tempos suspensos, incertos, atravessados pela persistência desse mal que nos assombrou e que nos esfarrapava o peito, nos obrigando a trocar passos e tatear entre o medo e a esperança. E, ainda assim, havia algo que insistia, uma força mínima, quase imperceptível, que nos empurrava para o devir, mesmo entre as ruínas do cotidiano.

As relações, embora distantes, não cessaram. Mantiveram-se, ainda que mediadas por telas, por vozes digitalizadas e sinais invisíveis, naquele tempo em que o mundo se recolhia, as Tecnologias da Informação e Comunicação ergueram pontes onde havia hiatos e sustentaram rotinas que ameaçavam ruir, tornaram-se forças de recomposição, linhas lançadas sobre o abismo, onde antes só havia distância. Foram elas que mantiveram vivas as trocas diárias: o trabalho, os estudos, os vínculos afetivos e familiares. Não se tratava de substituição do real, mas de reinvenção do possível.

E como outrora as TIC foram essenciais, assim seguiram no pós-pandemia, mas

agora com autonomia própria, tornaram-se forças em devir, traçando seus próprios trajetos na tessitura da vida cotidiana. Tornaram-se, não apenas ferramentas, converteram-se em campos de intensidades, prolongamentos do corpo, do olhar, da extensão de nossos gestos, de nossos movimentos, parte da engrenagem viva que move a máquina do tempo em que vivemos, e hoje, são indispensáveis à existência humana do mundo contemporâneo, seja porque nos habituamos à fluidez que oferecem, seja porque, de algum modo, nos tornamos também um pouco digitais.

Mas, como as marés revoltas que inevitavelmente reencontram a praia, não por obediência, mas por força do próprio movimento, também a vida, no período pós-guerra, foi se recompondo, e, aos poucos, tudo voltou ao que se entende por normalidade. Não houve retorno, nada voltou a ser o que era: tudo foi recriado, num gesto de inventar-criar novamente a vida e as relações.

As dores antes tão vívidas e latejantes, foram se transformando em ecos longínquos, lembranças que às vezes ainda sussurram, mas já não gritam como antes.

Os dias agora vestiram-se de novas rotinas e retomaram a sua dança cotidiana. Nesse novo compasso mais ativo e potente a vida segue compondo-se: não como repetição ou volta no tempo, mas por variação de criação.

Ela. atravessara tempos de densidade e de sombra. Momentos de dor que não se explicam; angústias e aborrecimentos que se acumulavam até virarem peso no corpo. Adoeceu, não de uma só doença, mas de um acúmulo de invisíveis, forças impalpáveis que alternavam entre o físico e o mental, entre o dentro e o fora. Seus dias seguiam ora em ritmo de caos veloz, ora em uma monotonia sensível, onde tudo parecia suspenso, exceto o céu, que seguia estrelado.

Era ali, diante da janela, que seu mundo se abria em linha de fuga, e o pensamento

em devir encontrava passagem aos flertes com a lua.

Ela viveu coisas em excesso: questionou até que a linguagem falhasse, sentiu até que o corpo tremesse. E o corpo, superfície sensível, registrou cada dobra, cada falha, cada intensidade que passou sem se deixar nomear e recebeu as marcas desses exageros.

Viveu no limiar, naquela zona rarefeita onde nada é estável, e tudo pulsa em variação: entre o abismo das relações humanas e a tênue conexão oferecida pelas tecnologias que, em sua frieza luminosa, tentavam reconectar os que se afastaram. Entre o calor do humano e a frialdade brilhante das máquinas, ela habitava o intervalo. Uma vida feita de intensidades sem nome, de movimentos sutis que ninguém vê, de micro acontecimentos que não viram história, mas que moldam o modo como um corpo suporta o tempo.

Ela dividiu-se entre dois planos que jamais coincidiram: a aula online, digital, silenciosa, feita de pixels e presenças

recortadas por molduras luminosas; e a aula presencial, viva, marcada por ruídos, odores, agenciamentos imprevisíveis, movimentos dispersos, distrações e presença. Um plano era liso, o outro, rugoso, estriado. Um filtrava tudo, inclusive o afeto. O outro, explodia em excesso, em movimentos, afetos, palavras e interrupções.

Entre a máscara que filtrava o ar e, que por vezes, também as emoções e a liberdade inquietante de voltar a respirar sem barreiras. Sentia-se suspensa no intervalo sensível do entre. Habitava entre esses dois mundos: o digital feito de pixels e fragmentações; e corporal, feito de passos, gestos e vozes. E nesse meio de transição “intermezzo”, aprendeu a escutar o silêncio, a valorizar os encontros, a compreender que ensinar e aprender não cabem apenas em conexões ou cadeiras, mas no espaço entre um olhar e outro, entre o medo e a coragem de continuar.

É justamente nesse intervalo, que é ao mesmo tempo frágil e potente, onde pulsa a educação como criação de mundo.

Ziguezagueando nesse terreno do “entre mundos”, foi testemunha de um tempo de estranhezas, presenciou o esboço de um paradoxo: viu as TIC nos resgatarem do isolamento, puxando-nos do fundo do poço. Mas ela viu também o outro lado, sutil e sorrateiro em que essas mesmas tecnologias nos devolviam ao buraco, essas mesmas cordas que nos ergueram, por vezes, nos estrangularam, produziram seus nós, apertaram seus laços, e se tornaram forças, nos desconectando do mundo, da aula, da presença, nos tirando o foco, o interesse e a atenção: estávamos todos online demais para estarmos presentes.

Ela viu as mesmas redes sociais, que tanto nos acolheram e aproximaram, agora tornar-se muros invisíveis de puro concreto, por onde vazava o bullying, não mais gritado nos corredores, mas sussurrado em comentários, curtidas e silêncios programados. Violência revestida de algoritmos.

Viu as fake News se espalharem como vírus, distorcendo verdades,

contaminando discursos, invadindo mentes frágeis e espaços de formação. Uma desinformação em cadeia.

Viu corações se estilhaçarem diante de fotos vazadas, que se tornaram armas, compartilhadas sem pudor, sem empatia e sem freios. Nas escolas onde atuava, a violência não era mais só física ou verbal: era digital, simbólica, e tão cortante quanto qualquer lâmina.

Sabia: não se tratava apenas de tecnologia, mas de afetos malcuidados, de laços corroídos, de uma sociedade que desaprendeu a sustentar o outro, e que agora terceirizava o olhar, o toque, a ética, para a frieza, por vezes, conveniente da tela.

E, muito embora adoecendo ao sentir o peso e o cansaço dessas feridas alheias e dela mesma, ainda guardava uma preocupação que estava além do plano das tarefas, das notas e dos cronogramas: para ela, educar era mais do que transmitir conteúdos: era cuidar do humano que ainda resistia por trás das telas opacas, das dores disfarçadas de alegria e dos



sorrisos revestidos de tragicidade. Para ela, educar era também cuidar, sentir e criar novas formas de existir e de continuar humana. Continuar presente e sensível num tempo que prioriza os sentidos, em detrimento das sensações, que medica e anestesia.

COLORINDO AFETOS

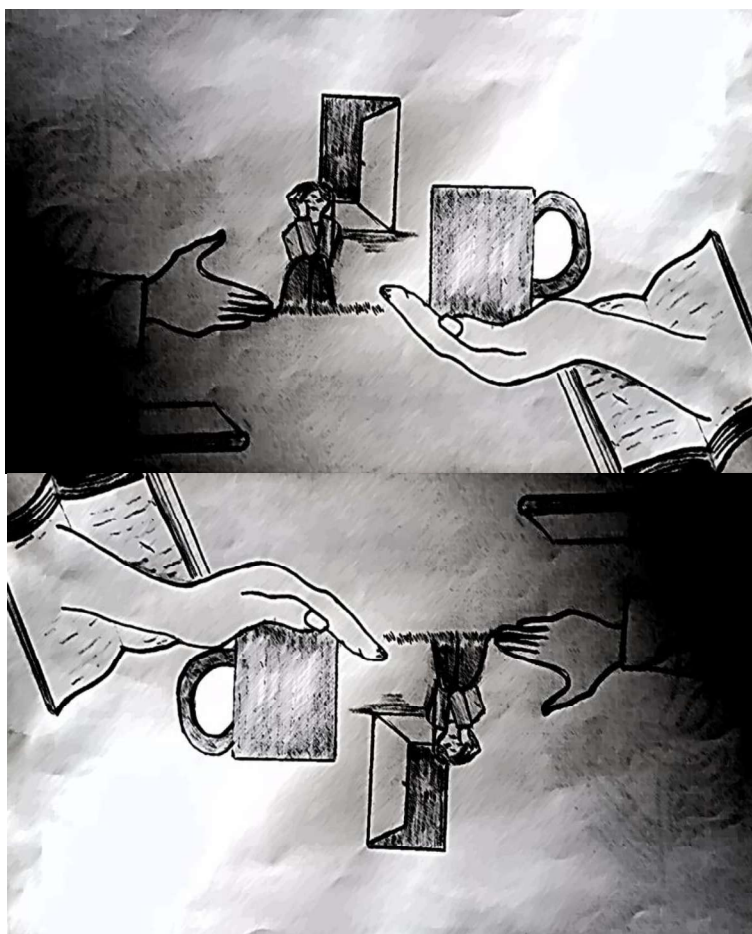


Figura 10: Espelhos
Fonte: autora

Ela seguia habitando a janela, naquele lugar de entretempos, de entremundos. Com a lua, ensaiava traços de novos riscos que logo se tornariam linhas: linhas de vida, de destino, de pensamento, de afetos, de sentido e de fuga, numa cartografia de afetos em devir.

Ainda esperava. Mas não por alguém que viesse salvá-la, nem por um tempo idealizado, tampouco por um retorno saudoso ao passado. Sua espera era um gesto sutil, mas pleno de intenção: ela preparava, com delicadeza o solo que habitava, com a sabedoria de quem escuta o tempo por dentro, como quem compreende que a colheita começa muito antes da semente. E aquele novo ano, que despontava ainda hesitante ao horizonte, era o tempo exato de plantar coisas novas.

Quem vem lá?

Perguntava à noite, como se ela fosse um oráculo, guardiã dos segredos que só se revelam aos que sabem escutar.



Era mais que uma pergunta; era um chamado delicado, um sussurro tímido dessa esperança que mal ousava nomear.

Será que teremos dias mais coloridos? Aulas potentes? Encontros que transformem?

E quanto aos professores, será que terão tempos melhores, mais tranquilos e saudáveis?

Mas a noite lhe devolvia afetos, não respostas.

O que os novos ventos nos trarão?

Sussurrou, perguntando ao destino.

Ah, para este ano ela queria muita cor, mesmo que as paredes da escola continuassem descascadas.

Há dias em que sonha dormida, e outros acordada.

Ali, no calor discreto da xícara de café entre as mãos, os cotovelos apoiados na mesa de madeira que ringia, os pensamentos mais caóticos e velozes não se organizavam em discursos: espiralavam. Vinham carregados de signos, que não informam e

nem desinformam, mas que afetam. Signos que não se decifram de imediato, e que não pediam por tradução, mas por uma outra forma de senti-los. Signos que insistem, perturbam, provocam outros signos, trazendo imagens que não representam, mas que se arriscam a buscar uma redescoberta.

O olhar pensativo flertava com a rua, estranhamente quieta que segurava o tempo, enquanto refletia no vapor da xícara que tinha nas mãos os seus pensamentos que vinham como um fluxo incessante de potências e que caminhavam descoordenando o mapa e desterritorializando a cartografia em busca de um encontro com outros signos, arriscando rabiscos de uma nova ordenada.

Fechou os olhos por um instante. Ali, na penumbra serena da madrugada, cada som ganhava peso, alma, corpo: o estalar da lenha na lareira, ressoava sons como se convocasse forças ancestrais, o ranger da mesa sob seus cotovelos, o tique-taque implacável do relógio marcando o tempo

com uma voracidade que a engolia, enquanto o sopro do vento dançava com as folhas secas das árvores.

Lá do lado de fora, uma luz se acendeu numa casa distante. Pensou, talvez alguém, como ela, também estivesse de vigília. Talvez também esperasse algo ou alguém. Ou talvez, simplesmente, tenha esquecido, por descuido, de apagar a luz. Mais um mistério entre tantos outros que pairavam no ar da madrugada, à beira de se revelarem, mas que provocavam mais sensações do que respostas.

Ela sentia um incômodo doce no peito, presságio sem signo, sem intensidade e sem nome, o tipo de inquietação que vem como há um prenúncio de que algo está para mudar, e aguardava ansiosa enquanto seguia a questionar-se, perguntando ao acaso:

Quem ou o que se anuncia?

Como eu queria ter certeza de que o que vem fosse colorido, fosse suave, fosse doce.

Queria que os próximos dias não trouxessem os pesos da repetição, e sim

asas que não elevam, mas deslocam, desestabilizam, desterritorializam e que talvez possam provocar devires.

Que a vida, por fim se insinuasse em flor, em cor, em força, em perfume que atravessa e escapa o contorno, e não mais em forma de tempestade.

Nem sempre escrevo em cor; às vezes, é a pura palidez que me atravessa.

Há dias em que o traço pulsa em tinta viva, e outros em que a poeira dos dias sem brilho se debruça sobre as palavras. Mas, com ou sem cor, sigo meus deslocamentos artegrafemáticos: rabiscando artegrafemas não de mim mesma, mas dos meus trajetos, dos rastros deixados no plano de composição, que deixo ao mover-me entre platôs.

Se a vida ainda me atravessa, é porque ainda há algo que pulsa. Talvez não seja força, talvez seja só resquício — mas até o resquício carrega em si uma faísca. Mesmo sem mapa, eu sigo cego. Porque há caminhos que só se desenhavam com o passo.

RECOMEÇOS

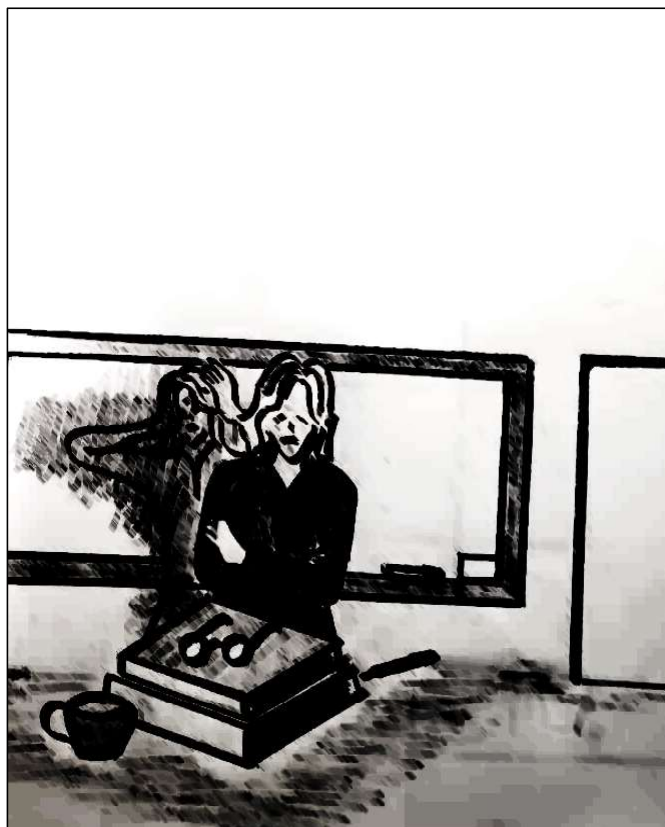


Figura 11: Espelhos
Fonte: autora

Sem aviso, sem festa ou aclamação, o recomeço veio, discreto, sem pedir permissão, veio. E, sem que alguém dissesse, ela soube: era hora de escancarar aquela porta entreaberta e deixar entrar o novo ar e limpar o que ainda estava preso no ontem.

Era um retorno e, mesmo que tudo parecesse igual à primeira vista, para ela havia um clima diferente pairando no ar: havia uma leveza, um convite ao encontro, uma promessa de transmutação, de saúde e de novos sentidos, sensações e, sobretudo, de criação de relações inéditas.

As aulas continuaram, sim, porque, mesmo quando ela não podia ir até a escola, a aula sempre encontrava um jeito de ir até ela.

Assim era a aula para ela, a aula nunca a deixava: não se encerrava com o toque do sinal, nem se apagava com o fim de uma chamada, ou mesmo, com a tela instável ou com a conexão trêmula. Ela permanecia, deformada, distorcida talvez, mas teimosa, insistente. A aula nunca expirava, não terminava, não se ia, apenas

permanecia, mesmo como uma imagem desconfigurada pela instabilidade da conexão ou da alma, mas que ainda teimamos em retornar. Isso é vida para ela, mesmo que essa vida esteja a poucos passos de um limiar de morte.

Era o início de um novo ano e, embora tudo parecesse inalterado, havia um leve desvio no tempo: agora os celulares repousavam fora do espaço escolar. As mensagens, rápidas e multiplicadas, antes respondidas no instante, na urgência vertiginosa com que tudo vinha acontecendo, nem sempre por necessidade, mas também por hábito, agora ganhavam uma pausa. As redes sociais, com sua fome insaciável de presença, pedindo olhos, dedos, validação, visualizações e curtidas, agora podiam esperar e respirar um pouco. A pausa se insinuava como resistência e como gesto afirmativo de sustentar o encontro.

Era preciso desacelerar essa ventania caótica, ainda que, e tão somente, no espaço da escola, no espaço de uma aula. Esse era também um chamado para aquele

ano. Ela sabia que ensinar, naquele tempo desvairado, era também oferecer pausa.

A interrupção da pressa para ela era uma forma de resistência, e a pausa era a linguagem de reencontro. Para ela era urgente desdobrar o tempo acelerado do mundo.

De volta aos corredores da escola. O mesmo chão gasto, os mesmos sons familiares, os passos apressados, as vozes ecoando, o ressoar do sinal, mas algo estava diferente. Parecia, até, que o tempo tinha desaprendido a correr. Ou, quem sabe, estava apenas ensaiando para andar mais devagar. De leve um aroma novo se esparcia, aquele de boas novas, ou o simples cheiro de presença, coisa rara nos últimos tempos, devido aos acessos virtuais excessivos.

Os jovens, antes dispersos pelos cantos, mergulhados em silêncios digitais e toques apressados nas telas dos celulares, agora estavam reunidos. Havia riso, conversa, troca de olhares e até ofensas, aquelas pequenas farpas, tinham som de vida. De repente eles parecem ter redescoberto o

valor da presença, do som da voz, da companhia ao lado.

E foi assim, entre ecos de vozes e lampejos de juventude, que ela sentiu, ao cruzar os portões da escola neste novo ano que se inaugurava, as primeiras pulsações de algo que se parecia com esperança, mas não com tom de espera: com gesto de transformação.

Pelos corredores havia cartazes espalhados, alertando sobre o uso dos smartphones, frases do tipo: "Desligue o mundo lá fora. Reencontre o daqui.", curtas, mas cheias de intenção. Eram chamados ao reencontro; não eram ordens, tampouco censura, eram convites à reconexão com o essencial e a estar por inteiro em um lugar. Ela sabia que era o momento de soprar ao vento as sementes de uma nova plantação.

Os avisos corriam de mão em mão entre os estudantes e o assunto circulava nos corredores. Os professores, por outro lado, aguardavam os dias vindouros, com um misto de sentimentos: uma alegria tímida entrelaçada ao ceticismo, mas no fundo

estavam esperançosos e desejantes por encontros felizes e proveitosos para esse novo ano. Desejavam menos distração e mais presença. Menos controle e mais encontro. Menos tela e mais olhos.

Ela., como tantos outros colegas, carregava no peito as mesmas sensações: lampejos de sonhos e expectativas contidas que caminhavam de mansinho junto ao tumulto dos corredores da escola. As esperanças velhas insistiam em viver, mesmo gastas, mesmo feridas, mesmo tantas vezes esquecidas num canto da alma.

Então, enquanto tomava um gole de café, pensava, olhando o reflexo trêmulo na xícara fumegante: o que o tempo causara nas pessoas e nela também. O tempo, esse maestro invisível, havia mudado o tom, o ritmo, e desenhava novos contornos nos afetos, na espera, nos recomeços.

Mas ali estava ela, firme e insistente, tentando decifrar aquela nova melodia, uma partitura envolvente, que a vida, agora, apresentava para seus partícipes.

FUGAS SUAVES PARA DIAS DE PESO

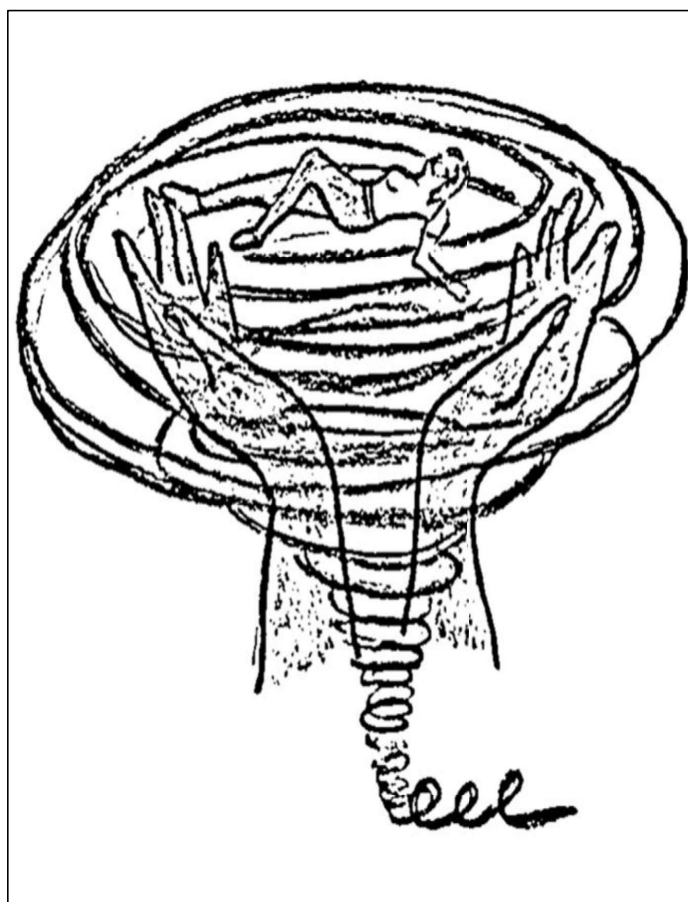


Figura 12: Espirais
Fonte: autora

Há silêncios que não se entregam ao vazio, que trazem memórias e que desejam. Há silêncios que murmuram ao vento segredos da vida barulhenta, mas que desejam uma faísca de esperança.

Ansiava reencontrar aquele homem, tão absurdamente inteligente e envolto em mistérios. Cabelos nos ombros, chapéu, unhas grandes. Palavras não muito bem se podia compreender, mas que, de certo modo traziam alento e chegavam carregadas de algo que aquecia e trazia vontade de potência de viver.

Ah, como queria ouvir as palavras, nem sempre claras, mas sempre repletas daquela chama que aquece o coração. Ela aguardava ansiosa numa dança sutil entre o sonho e o porvir.

Mas, onde encontrá-lo?

Voltar à livraria?

Rezar?

Dormir?

Mas, dormir como, se os pensamentos me caçam à noite, parecendo um vampiro

sedento? Me sugam as forças e me deixam no limbo, entre o delírio e a vigília.

A verdade é que todos esses sentimentos e memórias de um tempo difícil a adoeceram e pesavam sobre ela como um fardo que já não podia fingir ser leve. Mas ali, dentro da sua escuridão, uma brecha se abria, um espaço tímido, onde desejos mais leves sopravam baixinho, pedindo passagem. Ali onde por instantes o peito esquece o peso e lembra que sonhar com dias felizes parece enfim possível.

As medicações, antes ingeridas com a rigidez de um dever diário, foram sendo pouco a pouco suavizadas. Agora, sentia-se quase inteira outra vez, não curada como se fosse possível apagar o passado, mas reconstruída o suficiente para o retorno.

Sinto falta de sopros de vida que pulsam, de risos que ecoam pelos corredores, do chão da escola, de conversas que nascem do acaso, do café partilhado, do olhar que escuta. Mas não, não sinto falta de telas... Não sinto falta de mensagens digitadas sem alma, de respostas automáticas, de

presenças ausentes e ocultas por trás de fotos de perfis.

Sinto falta de gente. Gente de verdade. Com cheiro, sentimento, riso, cansaço e abraço.

Não sei se sinto falta de ensinar. Sinto falta da escola, do seu pulsar, do seu lugar. Mas ensinar... ensinar o quê? Para quem em um mundo que pouco escuta, onde até o saber parece ter sido esvaziado de sentido?

Em uma época em que frequentar a escola, algumas vezes, parece ser muito perigoso: época abalada por invasões e ataques à alunos e à professores. As notícias mostram e revelam o quão inseguro anda frequentar o mundo. Uma época em que a violência parece ter ganhado forma, onde a segurança parece abstrata. Nunca se sabe quando e onde será o próximo ataque, o próximo tiroteio, a próxima facada, o próximo dia do massacre...

Essas também são inquietudes internas que lhe causam dor e enfraquecimento!

E quanto a essa falta de vontade de dar aulas, que muitos professores têm expressado nos últimos tempos, não por falta de vocação ou de amor pelo ensino, pelo contrário: é muitas vezes o resultado de uma série de feridas abertas que a prática docente tem acumulado e que por vezes explode em um corte aberto, que revela o que sempre esteve ali, inflamado, silenciado, negado.

O que fazer com esse sentimento que só cresce entre nós, professores? Não é desamor pela docência, ao contrário, é amor que sangra, que não cicatriza, que se cala para não desabar em público. É o grito abafado de quem ainda acredita no que faz, mas que já não sabe como continuar nesse cenário de cansaço crônico e invisibilização constante.

Talvez seja o peso que transborda: as horas que se multiplicam dentro e fora da sala, as demandas que não cabem no tempo, a cobrança que não reconhece limites, a insegurança que ronda os corredores.

Ou talvez seja essa sensação de estar sempre por um fio, em escolas onde faltam recursos, estrutura, afeto. Com salários que não acompanham a dignidade do trabalho, com políticas que nos tratam como peças descartáveis. Com alunos que, muitas vezes, também já desistiram de esperar.

Há uma dor difusa, que não tem nome único, mas que se espalha nos grupos, nos cafés rápidos, nos olhares cansados: é o corpo do professor que adoece, é o desejo que se esgarça, é a potência que resiste, mas vacila.

E ainda assim... seguimos. Porque ensinar nunca foi apenas um emprego. É encontro. É criação. É travessia.

Mas até os que amam precisam de abrigo. Até os que cuidam precisam ser cuidados. Até o educador precisa de um chão onde possa parar de cair.

Volto a lembrar das palavras que aquele homem me sussurrou. Que loucura! Eram palavras meio ditas, meio sonho, que flutuavam entre a consciência e a

alucinação, dançando na borda tênue do real e do imaginário. Continuo tentando entendê-las...

Assim seguia ela., numa busca que não era por respostas, mas por ressonâncias. Remexia estantes, vasculhava cadernos, recantos, lembranças, procurava um fantasma, Era o desejo de revê-lo, não para retê-lo, mas para deixar-se atravessar, mais uma vez, por aquilo que nela ainda tremia, ainda vibrava, ainda pedia devir.

Queria poder perguntar-lhe muitas coisas, mas como? Se a sua sombra não sai de trás daquelas estantes de livros empoeirados, onde o tempo se mantém em suspenso, entre o silêncio e o mofo, deixando a leve sensação de sua presença fantasmagórica.

Com frequência volto a lembrar daquela voz murmurante que sussurrava em meu ouvido aquelas curtas palavras que me atravessaram como lâminas de facas, me desestabilizando e deixando em mim a ânsia inquieta e o desejo de compreendê-las por inteiro.

Muitas questões ainda a inquietavam, eram sombras teimosas que se recusavam a partir, mantendo-a em vigília constante, noite e dia, sentada naquela mesma cadeira acolhedora junto à janela. Curiosamente, o que jamais lhe oferecera conforto, eram seus próprios pensamentos, que giravam incansáveis como uma máquina imparável, pulsando sem pausa dentro dela.

Ela ainda guarda consigo problematizações não ditas, dúvidas e inquietações que clamam por passagem. Mas a quem entregá-las? Para quem servem esses murmúrios? Quem escuta os sussurros que se perdem no vazio?

Quem, afinal, se dispõe a ouvi-los, se quase ninguém, além dos próprios professores, está verdadeiramente disposto a escutar os professores?

Essa questão gerava muita preocupação: com tantas problematizações, tantas vozes presas no silêncio e quase ninguém ouve, como se o pensar fosse excesso, como se sentir fosse um erro. Palavras e pensamentos que se perdem no tempo.

Como fazer então para buscar melhorias se não escutam os sussurros e gritos que ecoam pelas janelas da escola?

Ah como eu queria que a escola fosse uma melodia, que fosse poesia, que fosse cheia de cores.

A aula é um território atravessado por diversas sensações, emoções, gritos presos. Mas eis que certas vezes uma flor, pequena e insistente, rompe essa linearidade e transforma a cena de uma aula, em cor, em amor, não somente em dor. Às vezes, o que era dor vira cor.

Mas, há quem pergunte, com estranhamento ou desdém: mas para que tanta escuridão?

Talvez não saibam. Talvez nunca tenham vivido o que eu vivi, nem experimentado o que eu experimentei. Eu não escolhi a sombra, e não desejei a escuridão. Eu queria o arco íris que um dia me prometeram... mas me deram um quadro branco e uma caneta negra e, o que eu faço é o que eu posso: riscos, rabiscos, tentativas. Um pouco de tinta preta num

quadro branco que insiste em engolir cada traço, cada rabisco feito pela caneta, mas eu risco assim mesmo, ainda que nem sempre me ofereçam cor ou flor.

Alguns não sabem, nem imaginam que eu tento, insistentemente, dar cor a tudo o que me cerca. Tento, mesmo que com as mãos cansadas, que um traço de tinta preta no quadro branco adquira um mínimo de pigmentação. Tento, porque a teimosia ainda respira em mim. E acredito que ainda há uma cor escondida, guardada num silêncio ancestral, brincando de pique-esconde com a minha esperança. Sigo acreditando que, mesmo no fim da linha, talvez ainda me espere um pequeno milagre. Continuo tentando porque sinto que vou encontrar aquele sorriso coletivo que faz com que o sol mude a sua rota e esquente o mundo de dentro pra fora, em cada rosto que naquele instante nunca mais poderei esquecer.

Um dia ouvi uma voz me dizer: não sei de onde ela veio, para onde ela foi, mas me deixou um pequeno bilhete, um papel amassado a beira da porta, que num

primeiro momento eu chutei; em um segundo momento recolhi; no terceiro eu abri; num dado momento eu chorei, como chorei há muitas noites. Mas desta vez um fogo de ossos acendeu algo em mim e deste dia então esse papel virou algo nas minhas entranhas. Eu estava no escuro, eu chorava em palavras, às vezes ainda choro, as dores que o tempo me deu, mas não esqueço os sorrisos inesperados que a vida insiste em me oferecer, seja num tempo perdido, seja na possibilidade de redescobrir algo esquecido, mas eu invisto o sangue nesse gesto, de continuar, de acreditar, de resistir. E ainda criancieiramente, posso chutar a canela do mundo, abrir a ferida e expor os ossos e cair em uma pequena moita que pode ser uma fogueira. Uma fogueira que arde, que queima e que me faz ver o que ainda não vejo, mas que pode me fazer reviver, florescer.

Assim, ela de um jeito meio torto, atravessado, em um canto qualquer, por um breve instante, flutuava em uma leveza por algo que não sabia o que, mas que de um modo sutil lhe cortava a carne, mas já



não mais para sangrar e sim para poder começar a sorrir. E ali, entre cadernos riscados, olhos sonolentos e vozes entrecortadas, ela entendeu que não ensina porque sabe, ensina porque sente. E sentir, agora, é o verbo que passa a guiá-la.

GESTOS DE UM AINDA



Figura 13: Ponto no caos

Fonte: autora

As vezes recebo dor,
outras, flor.
Dessas crianças feridas
tão malcuidadas,
mal-amadas, mal-educadas.
Às vezes escrevo dormida e sonho
acordada
essas linhas tortas e mal rabiscadas,
que mais parecem sussurros
do que palavras traçadas
mal riscadas, mal grafadas
com pequenos devires de amor
dessas crianças tão mal compreendidas,
malvestidas, malvistas
e, por vezes, mal ditas.

PALAVRAS INTEIRAS



Figura 14: Múltiplos
Fonte: autora

Os ponteiros do relógio. Meia-noite.
Permanecia desperta. Corpo e
pensamento. Andava. Olhos mergulhados
nos livros. Buscava. Abrigo. Respostas.
Quem sabe. Problematizações.

Retornou após um afastamento médico.
Escola. Longe. Desde uma última crise.
Corpo. Sentia. Pausa. Mente. Espiralava
em movimentos. Quebrava. Por todos os
lados. Fugia.

Filósofos. Folhava por dias e noites.
Período. Recolhimento. Intercessores.
Conversas. Cúmplices. Informes.
Fragmentos. Escapam. Ecos. Contornos.
Fissuram.

Dias e noites. Encontros. Silenciosos.
Momentos. Entregues. Tempo e espaço.
Silencioso e devocional.

Paisagem sonâmbula. Escola. Aulas.
Listas. Chamadas. Planilhas dormidas.
Conteúdos. Dados. Margem do tempo.
Dados outra vez. Guardam. Lado de fora.
Aguardam. Retornam. Inteiro. Outra vez.

Cada dia. Dia a dia. Um pouco.
Compreendia. Completo. Não por.

Caminha. Dentro. Fora. Dia. Noite. Pressa.
Floresta. Deserto. Mapas. Passos. Pistas.
Poeira. Ar puro. Respira. Acorda. Dorme.

Uma pergunta?

À vontade!

Confesso. Às vezes. Converso. Mais
Comigo. Não!

Falta da escola?

Sorri. Pergunta. Antes. Resposta. Importa.
Ainda mais. Que a resposta. Acredita.
Escola. Espaço. Criação. Potência. Hesita.
Respira. Breve. Fundo. Escapam. Acredita.
Espera. Mansa. Sem luta. Esperança.
Falta. Escola. Verdade. Certeza. Escola.
Fica. Anda. Atravessa. Aqui. Ali.

Sinto falta. O ainda promete. Ainda. Por
vir. Ainda. Pode. Sente. Sintomas. Dores.
Dissabores. Professores. Básicos. Ainda
podem. Cores. Amores. Sabores. Básica.
Educação. Chora. Exausta. Muitos muros.
Cinzas. Poucas cores.

Observo. Tento. Olhos cansados. Atentos.
Tendências. Corredores. Estudantes.
Muros altos. Janelas envidraçadas.



Quadro branco. Posições. Poderes.
Sujeitos. Direção, coordenação,
supervisão. Cargos. Funções. Perto e
longe. Escola. Escola. Aula. Estratégia.
Fuga. Talvez uma estratégia. Quem sabe
uma fuga. Quiçá uma única. Escola.
Maneira. Permanece. Por fora. Escola.
Desaba. Dentro. Chora. Ela. Escola.

PALAVRAS ESQUARTEJADAS



Figura 15: Dores e cores
Fonte: autora

Tempos duros. Para quem. Ensina.
Aprende. Dissimula. Aborrece. Manchetes.
Estrondam. Cadeiradas. Gritam. Facadas.
Escorrem. Ameaças. Sangram. Processos.
Empilham. Gritos. Calam. Agressões.
Marcam. Corpos e almas. Verbais e
simbólicos. Uma vez. Cada vez mais.
Frequentam. Escola. Normalizam.
Adoecem.

Aula-trincheira. Professor-recruta.
Tiroteios e bombas. Sem sons e sem
devastação. Corpos empilhados.
Corredores. Enfileirados. Por vezes. Alvo.
Outras. Pontaria. Silêncio. Silenciam.
Murcham. Corpo e alma. Estilhaçam.

Outra. Mais uma. Violência. Antiga.
Sorradeira. Cruel. Esconde. Cotidiano.
Excesso. Institucional. Emocional.
Demandas. Sem escuta. Cobranças.
Chegam. Saem. Ordens. Voltam. Sem
afeto, diálogo, sustento. Voltam. Volta.
Violência. Atropelo. Planejamentos.
Planos. Planilhas. Celas e armadilhas.
Pesam. Controle travestido. Investido.
Gestão. Eficiência. Cansaço. Professor-

peça. Tabuleiro-estrutura. Jogo dado.
Sujo. Viciado. Rouba. Corpo e alma.

Outra ferida. Infinita. Íntima. Causada.
Lousa dividida. Dívidas. Cafês,
confidências e cansaços. Compartilha.
Hoje. Gesta. Veste. Posição e encargo.
Poder. Esquecimento. Cargo. Reflete.
Instituído. Esquece. Chão de onde veio.
Pisa. Próprio corpo. Outro. Instituiu.
Travestiu. Traiu. Posição. Sujeita,
Esquece. Sujeito. Chão que pisou.

Resta resistir! Algo vibra. Ainda vibra.
Vidraças estilhaçadas. Resta a voz. Traços.
Um resto de voz. Traça. Palavras. Sentidas.
Dormidas. Esquartejadas. Expostas.
Sangue-lágrimas. Ossos-soluços.
Escorrem. Equilibram. Exposto. Sensação-
morte. Carne viva.

Sobram. Memórias. Sobras. Encontros
ainda. Resistem. Palavras esquartejadas.
Teimam. Equilibram ossos quebrados.
Traços. Tinta de sangue. Respira. Traços.
Rabiscados. Desafiam. Aula. Insiste. Não
desiste. Escola. Acaricia. Gestos.
Pequenos. Afetos. Insistem.

Esgotam. Esgotados. Corpos e almas.
Soluços e suplicios. Insistem. Ainda.
Desafiam. Diferença. Algo. Traça vozes.
Ainda. Insistem, Aula. Vida. Instituição.
Escola. Estudantes. Vidas. Próprias.
Impróprias. Vidas. Escolhas. Esgotam.
Escola. Corredores. Continuam. Pés
cravados. Chão. Raízes. Encarceram.
Corpos e almas. Caminhos. Corpos e
almas. Insistem. Ainda forças. Movem.
Movem-se. Percursam. Entre vozes.
Gritam ainda. Pé do ouvido. Cochicham
rabiscos. Rascunham percursos.
Desenham subversões. Ainda. Fogem.
Insistem. Ainda.

Algumas andam frias. Pedras de gelo.
Algumas derretem. Fluem. Corredores.
Margens. Transbordam. Algumas ainda
insistem. Curiosas. Desafiam a servidão.
Insistem. Algumas. Ascendem faíscas na
neve. Ainda. Respiram. Vida.

Forças. Faltam às vezes. Ainda sobram
desejos. Procuram traços, rastros.
Centelhas. Mão que estendem. Mãos que
obram. Mãos que acolhem. Conectam.
Palavras esquartejadas. Paisagem de

pequenas partes. Juntas. Insistem. Algo
ainda grita. Algo ainda afaga. Conquista.
Fronteira entre a calma e a pasmaceira.
Maneira. Mapa. Escreve. Mãos escritoras.
Pés escrileitores. Percursam. Ainda. Vida.
Ainda. Pergunta. Humanidade. Tanta.
Conformidade. Dor. Silêncio e solidão.
Humanidade. Ainda. Demasiada humana.
Hipócrita de si. Carrasca de outros.
Repousa humana. Ainda. Humanos.
Caoides. Humanoides. Alguns. Ainda.
Resistem. Olham. Escutam. Gritam.
Palavras esquatejadas. Tocam. Corpo e
alma. Fogem. Diferem. Desconfiam.
Ordens e corredores. Muros e grades.
Insistem. Mão que afaga. Mão que afasta.
Sensíveis relações. Mãos que recolhem
ossos. Tocam. Mãos que constroem com
troços. Gestos. Mãos que assoviam vida.
Corpo e alma. Acendem fogo em plena
tempestade. Insistem. Mãos. Vida. Inda
poder. Vontade continuar. Ainda. Soprar
brasas.

Desafiar. Fogo. Vida. Silêncio. Solidão.

SINTOMAS DE UM CORPO-ESCOLA



Figura 16: Atitudes
Fonte: autora

O corpo, essa carcaça que nos envolve a alma, esse território de passagem, este campo vibrátil de forças que se inscrevem e se esgarçam. Corpo que ainda sente e registra aquilo que a linguagem não ousa nomear e o que escapa à sua capacidade de dizer.

O corpo sente e expõe a nossa exaustão: na voz que treme e no olhar que já não encontra brilho. Esse olhar anda corriqueiro atualmente, sinal do que já não se sustenta em silêncio.

O corpo-escola, atravessado por afetos, cansaços e fluxos, carrega os sintomas de um tempo saturado, que não é apenas cansaço: é o esgotamento de uma potência que, sem lugar para fluir, para criar, para sentir, começa a apodrecer por dentro.

É surpreendente e penoso o quanto o Ser professor tem vivido imerso em dores e dívidas. Dores que não somente do corpo, encargos que não são apenas financeiros, mas dívidas existenciais: que pesam no corpo, se inscrevem na carne e que cicatrizam lentamente por fora, não por dentro. Dívidas que levam ao

ressentimento e ao adoecimento do corpo e da mente.

Vivemos carregando débitos com a escola, que se transformaram em correntes que atravessam o corpo-professor: com prazos que já não são marcos, mas ritmos implacáveis; com formulários, planos, relatórios, aprovações, colocações em exames externos, mensagens incessantes que ressoam como ecos de cobrança, tensionando corpos e mentes. Todos nos exigindo aquilo que o mundo não nos dá. Plataformas, registros, materiais, sempre cobrando aquilo que ainda não entregamos, aquilo que talvez nem possamos entregar.

E os grupos de escola. Ah, as mensagens dos grupos de whatsapp, que não cessam, não dormem, não se calam. Elas invadem, com ou sem permissão, as frestas do fim de semana, da madrugada, do corpo esgotado. Chegam como disparos: notificações travestidas de urgência, exigindo presença total, resposta imediata, disponibilidade infinita.

Mas como se paga essa dívida? Com o tempo roubado? Com jornadas múltiplas e exaustivas? Com as numerosas escolas que atendemos? Com salas lotadas, olhos vazios e mentes podadas? Com um corpo que já não suporta mais, mas ainda insiste? Como se paga essa dívida que se renova a cada nova mensagem, como um contrato silencioso, um pacto de sangue e sem fim? Se paga abdicando dos fins de semana em família, dos feriados, do intervalo do almoço e das noites roubadas pela insônia e pela ansiedade que trazem as madrugadas sonâmbulas?

Ou. Não se paga. Porque não é uma dívida justa. É justo uma captura. Uma máquina de moer tempo e desejo, uma máquina escolar que aprendeu a funcionar com corpos exaustos, conectados, obedientes e disponíveis. Disponíveis até a última notificação.

Mas, o corpo já sabe. Ele treme. Ele cala. Ele adocece. Ele vaza. O corpo satura antes da mente admitir. E quando o corpo começa a dizer “não”, é resistência, é criação.

É o prenúncio de uma linha de fuga, que busca novos fluxos, novos modos de existir e ensinar. Nesse gesto, mesmo na dor, o corpo se torna território de invenção, espaço de experimentação e ruptura com as estruturas que o aprisionam.

Talvez seja o início de um outro tempo, não o tempo cronológico, mas o tempo do gesto, do encontro, da pausa. Porque recomeçar, neste cenário, não é voltar ao mesmo ponto. É fabricar uma dobra, uma fresta, um desvio no tempo produtivo e descobrir um outro tempo. É afirmar que nem toda urgência é necessária e desejar outros modos de presença, de trabalho, de escola.

Talvez não seja possível pagar essa dívida. Mas é possível abandoná-la. E com isso, talvez, começar a viver, sem precisar sangrar em aula.

Prefiro o cansaço digno dos que ainda resistem à máquina. Prefiro a exaustão vital do que ainda insiste em não se deixar capturar. Há uma alegria secreta na recusa, uma alegria menor, talvez, mas absolutamente singular.

Vivemos num tempo em que a urgência virou virtude, e a ternura, fraqueza. Mas eu ainda me recuso. Ainda insisto. Ainda devenho.

Prefiro a exaustão e a dignidade de quem ainda se recusa a reproduzir o que desumaniza.

Será, caro leitor, que serei julgada pelas palavras que profiro? Serei levada a julgamento por dizer do que vejo, do que sinto, do que tenho experimentado e do que me recuso a aceitar como normalidade? Dirão que vivo de acidez, lamentações e de ressentimentos? Como se nomear o mal fosse pior do que produzi-lo. Como se o corpo que sente fosse inconveniente, e não urgente.

Mas talvez seja chegada a hora de fazer como aquele velho pastor de quem fala Zaratustra, aquele que, sufocado pela serpente enroscada em sua garganta, não mais implorou, não mais esperou. Mordeu. Mordeu a cabeça da serpente negra com os dentes de um desespero lúcido, arrancou-a com a coragem de quem não deseja mais

calar, e cuspiu-a fora. E então riu. Riu como jamais havia feito.

Pode ser que me julguem, talvez alguns riam, outros se entristeçam. Mas ainda assim, preciso dizer. Preciso contar, compartilhar, dividir este grito que carrego preso na garganta, tal como a serpente enroscada, um grito que arde, que queima, que sufoca, que me atravessa como faca afiada em uma alma exposta. Preciso deixá-lo sair. Talvez esse grito não seja somente meu.

Preciso expressá-lo e, quem sabe, provocar alguma sensação. Talvez sua dor seja coletiva, e seu som provoque, decerto, alguma centelha de incômodo, de beleza, de despertar. Como disse um velho poeta: *“(...) eu quero é que esse canto torto feito faca, corte a carne de vocês.”*⁴

Que corte e atravesse a carne até provocar alguma atitude, algum devir, algum risco novo no plano!

⁴ Música “A palo seco”, de Belchior.

INQUISIÇÃO



Figura 17: Veredictos
Fonte: autora

Caro leitor, necessito esgotar em algumas palavras algo que insiste em não dizer.

Numa dessas noites, enquanto o corpo dormia, mas a alma vigiava, sonhei, se é que se pode chamar de sonho, com um espaço escuro, paredes de pedra, ar pesado, figuras de toga e capa perambulando, não apenas julgando, mas inscrevendo normas sobre corpos e almas, tentando submeter o fluxo da vida a um estado de inanição.

Ali, senti o tempo estendido, ritmado pelo medo e pelo calculismo. Percebi que cada olhar era uma tentativa de dobrar o devir em conformidade com o já dado, sufocando o novo que queria surgir, silenciando palavras que insistiam em sussurrar suas dores, para enfim poder respirar. Era, claramente, a cena de um tribunal e eu era a ré. Estava sendo julgada, não por crime algum, pelo menos, não aqueles que se inscrevem em códigos penais. Eu era julgada por pensar demais. Por sentir demais. Por não aceitar o que me fere. Por não me calar. Por ensinar com dúvida. Por

questionar o que tantos apenas aceitam e repetem. Por resistir.

Era uma espécie de inquisição moderna, sem fogueira, sem força, mas com protocolos, títulos e vaidades, sem tortura visível, mas com violências sutis e repetidas, vestidas de norma, de conhecimento e de regularidade.

Julgaram-me por não ser máquina? Por sangrar quando cortada? Por ousar tensionar o ser gente? O que pretendiam? O que queriam (ou querem) de mim? Que eu decline da escuta de mim? Do afeto? Da voz? Que me automutile e me molde até caber nos espaços estreitos das planilhas, nos prazos, nas longas e exaustivas horas, com sorriso falso de contentamento? Querem que sorria sempre, enquanto sangro? Que eu diga palavras enfeitadas sobre o que me dói? Que me curve diante de discursos que já não me convencem?

Desculpe, mas não posso!

Sou corpo e alma. Funciono por inteiro. Não minto nem para o sorriso, menos ainda para o choro. Ambos são parte de

mim. Sou carne que treme diante da conformidade. Sou pausa. Sou silêncio que pensa e carne que se afeta. Sou o grito que, de tão contido, tornou-se sussurro. Talvez eu seja isso, além de tudo que ainda posso vir a ser. Sou mãe, educadora, amiga, amante, mulher. Sou professora e aprendiz de mim. Sou atravessamento. Inquietação que não sossega na resposta pronta. Sou luta amorosa com o mundo. Sou o que sou no limite de ainda poder devir. Sou resistência. Sou denúncia. Sou esgotamento de mim. Transbordo em questionamentos daquilo que me afeta. Invento um lugar para abrir frestas onde há dor. Insisto ainda em um pouco de cor. Componho uma pequena ética de mim, um ínfimo percurso de cuidado, uma política do sensível. Agencio afetos, ideias e matérias. Esgoto a dor para que uma fissura de cor se abra.

E vocês, o que pensam disso? Serei condenada?

ALUCINATÓRIAS



Figura 18: Simulacros
Fonte: autora

Uma noite a mais frente à sua janela, na cadeira de estofado gasto e macio, ela se encontrava novamente com o espelho, não o da parede, mas o outro, mais cru, mais denso, mais difícil de encarar: o espelho crítico e implacável de si mesma.

Ali, sob o manto da noite, ela se via por dentro. Ela se encarava, não para julgar-se, mas para ouvir-se. Porque há espelhos que não servem apenas para ver, mas para sentir.

Para a sua surpresa, desta vez ele veio, não sabia bem se era um sonho, apenas podia vislumbrar o seu contorno. Aquela presença translúcida estava ali, sem precisar anunciar-se para ser notada. Um momento que parecia uma brecha no tempo entre o físico e o imaginário. Uma porta entreaberta ansiava por algo ainda por passar, ir e voltar, sem receios, sem pressa.

Sentou-se na cadeira, diante do reflexo da lua na janela. Ele, com um semblante de quem a conhecia há tempos.

Que presença ilustre! Pensei. O olhar expressou.

Aceita chá ou café? Chá.

Uma xícara fumegante entre as mãos. Um silêncio aquecido por entre os dedos. Um primeiro instante. Uma presença inesperada. Familiar de algum modo. Pensamentos soltos e desconexos fumegavam. Perguntas embaralhavam. Surpresa. Imóvel. Sem palavra qualquer. Palavras presas. Olhar fundo. Garganta seca.

Tantas perguntas. Ponta língua. Retornam. Imóvel. Sensação de desconforto. Rompeu o silêncio. Ordinárias palavras. Derramaram esvaziando um espaço de dor. Ele escutava. Olhos atentos. Corpo tranquilo. Como se soubesse a próxima frase. Sabia do que ela falava. Parecia.

Algumas palavras. Disse. Chegado o momento. Dobrar esta imobilidade. Esgotar algum sofrimento. Deixar entrar a cor. Um devir colorido.

Devir? O que é isso?

Os devires são o limite das mudanças. Desconstroem para reconstruir. Pouco a pouco. Até que uma diferença aconteça. Algo que tensione um distanciamento das representações e das identidades. Estamos enfiados disso. Não precisa ser artista para tocar as cores. Só precisa se deslocar. Uma pitada de vontade. Um pedaço de desejo. Uma colher de resistência. Talvez as cores a encontrem. Outros percursos. Perspectivas. Invenção de possibilidades. Fabulações. Delírios. Sem planos. Question! Pesquisar é duvidar. As certezas já estão postas.

Trace ordenadas. Não é fácil em meio a tantas coordenadas que urbanizam o cotidiano. Trata-se de uma política de saúde. Distanciar-se dos sistemas de dominação. Das malaridades. Dos centros delimitados e determinados. Das normas. Das moralidades.

Sim, existe um centro que captura nossos passos em direção a borda. Refletem imagens. Impõem juízos. Cortam a carne com dores que consomem de dentro para fora. A resistência implica saber. Saber

como funciona. Cada caso, um caso. Cada momento um momento. Como deve ser uma aula? Como deve ser um professor? Isso já faz parte do centro. Isso reflete a relação de débito infinito que corrói o corpo. Quando se sabe algo, como algo funciona, pode-se algo. Não é simples. Ou melhor, pode ser simples se a complexidade puder ser dispersa. Acontece. Um momento. Uma instância. Uma linha de fuga. Flui. Leva para outro lugar. Experimente olhar outra vez. Algo diferente? Se sim e se não, tente outra vez!

Para onde essa linha leva?

Não leva a um lugar físico. Não há um lugar de chegada, um ponto final. Apenas o ir, mesmo sem ainda saber para onde. Experimente! Mova-se de outras maneiras. Desafie os limites dos territórios. Interiores e exteriores. Um movimento. Simples. Pode vir a ser. Novas possibilidades. Novos mundos. Mas, tenha prudência. As pessoas não costumam gostar de mudanças. Cultura. Mas, um pouco de insistência pode ter efeito. Novas coisas. Maneiras de ver e de viver as coisas.

Isso é necessário. Não há traço sem isso. Não há cor. Necessita ser um movimento diário. Diuturno. Algo mínimo. Menor, mas diferente. Um mínimo de diferença, por favor! Um possível de novos os afetos. Um cotidiano ordinário. Linhas para pensar e fazer pensar sobre as crenças e os modos de existência.

Comece com pequenas mudanças diárias de coisas e de pensamentos. Incentive outros. Contamine o entorno dos centros de reflexão que fazem pensar o que pensamos que somos.

Provoque conexões com forças vivas. Ative a criação, o movimento. Faça do pensar uma máquina que mistura cores. Resista as ideias fixas. Aos padrões. Duvide, inclusive de si e das suas certezas. Deseje as diferenças. Diga sim. A vida. A cor. Diga não. A sobrevivência. A dor. Encontre um ritmo. Componha um modo. Um pouco de cor em um meio empanturrado de dor.

Como na música?

Qual?

Essa:

Presentemente, eu posso me
Considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço
Me sinto são, e salvo, e forte
E tenho comigo pensado
Deus é brasileiro e anda do meu
lado
E assim já não posso sofrer
No ano passado
Tenho sangrado demais
Tenho chorado para cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro.

⁵Sangre o quanto for necessário! Esvazie um pouco desta dor. Drene para não gangrenar. Evitar o toque, às vezes só faz prolongar a sensação de dor. Temos um conceito. Eu e Ele. Máquina de guerra. Não para fazer a guerra. Não se trata de guerrear, mas de combater. A vida é um combate contínuo. Combater implica na vontade de resistir. Vontade de resistência. Resistir ao aparelho de Estado. Resistir aos funcionamentos centralizados, regulados, controlados. Experimente viver em um corpo ainda não organizado. Por onde algo

⁵ Canção de Belchior: "Sujeito de Sorte".

ainda possa fluir. Respirar. Sorrir e chorar.
Em cores! Tensione as posições fixas. Cria
limo. Mofa a alma. Apodrece o viver.

Ah, humanidade! São muitos pesos que
essa imagem reflete. Fardos de muito
tempo. Peso demasiado de demasiadas
lembranças. Um peso excessivo. A
humanidade é devedora de si pelo reflexo
de seu próprio espelho. Devedora infinita
da armadilha de si. Sempre em falta.

Sim! Eu entendo isso. Sinto isso o tempo
todo. Sempre devendo algo a alguém: à
família, à instituição, a Deus, ao Estado,
ao outro, à figura imaginária de quem
deveríamos ter sido. São heranças pesadas
que carregamos: da moral, da culpa, da
obediência. Essas dívidas que nos fazem
crer que estamos sempre em falta, que
devemos algo ao mundo, a alguém, ou a
uma versão idealizada de nós mesmos.
Isso têm nos transformado em máquinas
de ressentimento, nos aprisionando em
valores rígidos e petrificados, impedindo o
movimento de devir. O devir pode vir a ser
um desapego? Desapego das dívidas?
Afinal, essa dívida não tem fim! Deixamos

de tentar vir a ser, de devir, porque estamos demasiado ocupados em quitar o que não pode ser quitado.

Um modo bem peculiar de dizer disso! Um modo de afirmar a vida. Nesse momento. Só temos isso, o momento. Momento de deixar ir. De afirmar a vida. De afirmar o sangue que flui em cor. Vermelho escarlate, Vivo e vívido de viver. De afirmar, também a dor que se esvai em sangue acinzentado, purgado. A vida não tem cura! A dor faz parte do movimento. Afirmar a vida é afirmar os encontros, com dores e cores, com alegrias e tristezas. Esse é o contraste do viver!

Só o momento pode torcer esses sentimentos de dívida e metamorfoseá-los em indícios de linhas de invenção-criação. É preciso perceber os processos de endividamento. E resistir. Não pela indiferença. Não pela desfaçatez de si e do outro. Isso é momento: possibilidade. De um sim à vida. Potência de um existir que não deve, e ainda deseja pode viver.

Quem educa com o coração, quem entrega a alma à vida, sofre. E sofre, não por ser

fraco, mas porque ainda sente. Porque ainda se importa. E isso, é um ato de resistência. Pagamos por ainda sentir. E quem ainda sente pode escolher a quem deseja pagar. Essa dor que se instala sem pedir licença não é sinal de derrota, é um indício. Um sintoma. Talvez, o bom pagador, aquele que afirma o que a vida coloca em seu viver, seja aquele que declina de pagar o que já foi pago ou o que não necessita pagar. Quem sabe essa dor seja um aviso de que ainda não estamos vencidos. De que resistimos e ainda há algo por fazer!

Foi uma longa conversa onde muitas linhas foram traçadas de todos os lados e em todos os sentidos, sem centro ou direção única. Com devires tantos, multiplicidades incontidas; ritornelos, que dançaram e repetiam canções, fazendo espiral no tempo; desterritorializações que arrastaram mapas e certezas que se dissolveram. Um encontro! Uma conversação infinita entre toques, olhares e gestos. Um espaço escorregadio com pontos de atrito, reduções de velocidades e, outra vez, correrias. Ordenadas que

fugiram do plano comum, que fissuraram o espaço organizado

Sim, foi como se de algum modo eu estivesse fora, fora de mim, fora do mundo e ao retornar algo estivesse diferente, mesmo que nesse momento somente em rastros de sensação que ainda não produzem sentidos. Mas afinal, quem é você?

O nome não importa, posso ser um sonho que ganhou forma no plano de consistência, posso ser perceptos e afectos, ou mesmo uma linha de fuga. Por certo posso também ser um vetor.

E ali, entre goles de chá e pausas carregadas de sensações, a conversa havia se desdobrado. Momento de quem abre um livro antigo, repleto de anotações à margem, páginas marcadas por dedos, pelo tempo e memórias inscritas entre as linhas.

Nesse real-onírico, num real que beira o sonho, ou talvez um sonho que tangencia um real, a noite passou em um piscar de olhos. O tempo ali não seguia os ponteiros.



Foram camadas sobrepostas, planos,
platôs, encontros, sem começo, sem fim.
apenas o entreconversas.

Pouco a pouco, cede à noite. Vem o dia.
Tudo retorna outra vez.

Ele agradece os chás, a escuta, a travessia.
Levanta-se, ajeita o chapéu, olha mais
uma vez. Para e diz: Nade por entre as
dores. A terra firme não importa. Pode ser
uma armadilha. Olhe ao redor, fixe um
ponto, recolha o que puder, trace suas
linhas e continue.

CORPOS E FUMAÇAS



Figura 19: Estilhaços
Fonte: autora

Ela em uma mistura de medo e fascínio, com o coração acelerado, ainda atordoada por aquele encontro que rasgara o véu do comum, então levantou-se, subitamente, certa de que despertava de um sonho ou de um feitiço, e chamou por aquele homem. Gritava em desespero. Aquilo não era um chamado: era uma invocação!

O vapor do último chá ainda pairava no ar, o tempo parecia ter deixado vestígios em forma de aroma e fumaça. Tudo estava suspenso, o cheiro, a memória, a visão turva, o instante. Era um momento de respiro, de pausa e calma. Era um momento que respeitava a hecceidade que acabara de acontecer. Era único, irrepetível e já não cabia em palavra alguma.

Ela chamou-o novamente e o fez muitas vezes seguidas, porque sentia que havia algo ali que não podia simplesmente ir. Ainda tentava entender se tudo aquilo fora real ou alucinação. Seria uma dobra do tempo? Um cruzamento entre planos? Um encontro possível apenas entre o sono e a vigília?

Não tinha respostas, mas a conversa tinha sido tão real e tão potente que algo mudou. Disso ela tinha certeza!

Ela sentia algo latente, pulsante, desejante, não por falta, mas por vontade de produzir, de criar algo. Ela sentia que uma chama quente se acendia no fundo de sua alma, não era uma verdade absoluta, mas uma intuição de que havia ali um potencial para seguir adiante e de que ainda podia fazer alguma diferença.

Não era uma promessa, nem a ilusão de mudar o mundo. Era algo mais íntimo, mais sutil. Um desejo quase imperceptível de fazer alguma diferença, não para todos, quiçá para alguém, para algo ou talvez para si mesma. Algo novo e diferente, talvez para uma ideia, para uma manhã qualquer ou simplesmente para uma aula ainda por vir.

E aquela centelha permaneceu acesa dentro dela, discreta, mas insistente, brigando por um espaço maior em seus pensamentos. Ela ainda era a mesma, mas atravessada agora por uma presença que resistia às lembranças incrustadas no



corpo e na alma. Havia uma fissura para pequenos esquecimentos.

Ela sabia que ele voltaria, porque sabe que aqueles que pensam e que fazem a diferença nunca se vão por completo, permanecem vivos nos desvios do caminho, no pensamento que ainda percura linhas de errância, nas perguntas que ainda ardem sem respostas, nas vozes que ainda ressoam na memória.

Ela sabia: ele voltaria. De algum modo, em algum momento, por entre as linhas de um novo problema incendiante.

CONVITE INFERNAL

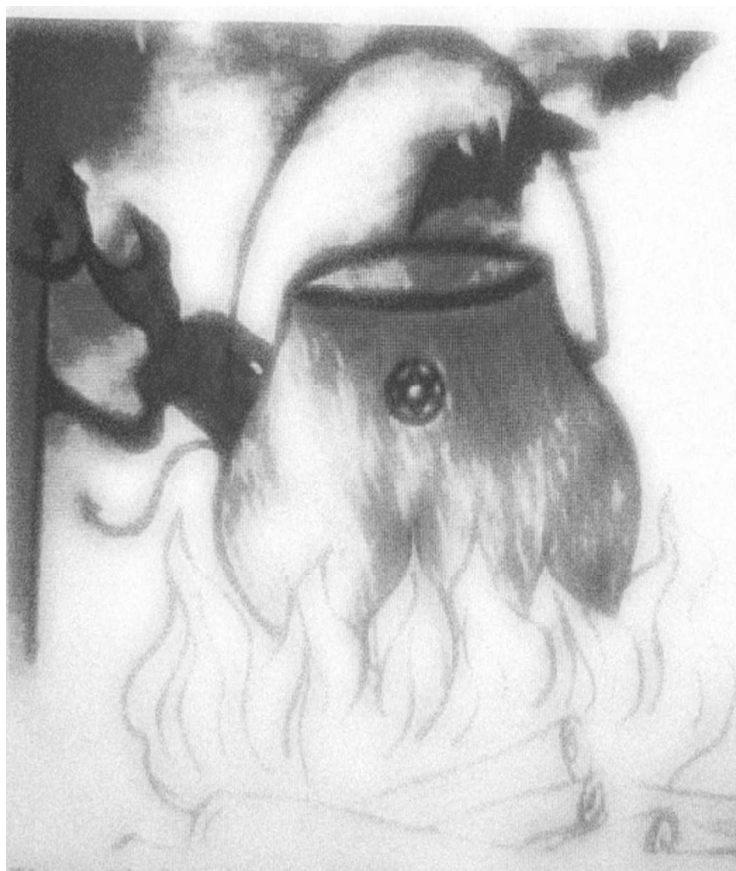


Figura 20: Grimório Maldito
Fonte: autora



*Invocamos as forças obscuras e
ancestrais que dormem nas páginas
malditas do grimório.
Convocamos, sem piedade, as potências
subterrâneas da natureza e as forças
cósmicas a esse rito.*

Ela. tracejava palavras. Canetão gasto. Lousa branca. Tentava fazer uma leitura com um grupo de estudantes. O ambiente era o de sempre: umas cadeiras dispostas em fileiras, outras desordenadas. Alguns olhos atentos, outros distraídos, conversas paralelas, silêncios abissais e páginas sendo folheadas com um cuidado quase mecânico.

Um calafrio. Repentinamente. Atravessou-lhe a espinha. Suspensão do tempo. Rasgo no espaço. O Atordoadas. Ouve uma voz fina e sussurrante. Um chamado. Rompia a linearidade. Tempo. Algo. Ondulava o cotidiano da aula.

Gostaria de fazer uma viagem?

Voz. Ecoava insistentemente!

Hesitou. Olhou. Titubeou. Ao redor. De onde vinha. Estudantes seguiam. Som persistia. Eles em suas rotinas. Som.

Estridente. Insistia. Balbuciou: viagem? Para onde? Olhos ainda abertos. Olhos vasculhavam a sala

Retorna o som. Tom de voz outro. Menor. Suave. Pronunciou: para um local inóspito e endiabrado, um lugar maldito. Um recanto sombrio, onde vivem os insubmissos e os que pensam demais. Para filosofia do inferno da educação com a Salamandra na íris do olhar. Espectro ou miragem? Atrás da porta. Fissura do tempo. Intermezzo. Entre um possível e um impossível.

Não sabia ao certo se era uma bruxa, uma feiticeira sombria, uma entidade angelical, um elfo ou talvez um duende, embora tivesse traços que remetiam, paradoxalmente, a uma professora. Mas sua presença era inquietante, quase satânica e irônica. Trazia no rosto um riso debochado, sarcástico e diabólico. Tinha nos olhos uma chama inquieta dos que viram demais.

E quanto ao convite?

Atordoante e ao mesmo tempo irrecusável, como todo verdadeiro chamado à transgressão diabólica da linearidade da cena de uma aula e ao deslocamento inusitado, ao incômodo, ao que destoa da ordem estabelecida. Difícil de recusar os lábios do desejo.

Venha, faça a travessia. Traga perguntas. Aquelas. Aquelas que jazem soterradas sob o manto sagrado da pedagogia. Desenterre-as com as próprias mãos. Aceite esse chamado sacrílego. Experimente esse devir-infernal. Deixem que passem. Perturbações, vozes, sombras e dúvidas. Misture tudo nesta jornada profana. Sem sustos. Talvez alguns. Há sempre um espelho escondido atrás de uma porta qualquer. Por vezes, os estilhaços dos reflexos perfuram o corpo. No fundo, você sabe que uma visita a essa filosofia diabólica não é um enfrentamento ao medo ou ao mal, mas um reconhecimento do que já pulsa em sua carne.

Aqui não há certezas nem salvação pedagógica divina, mas perguntas que

ardem no fogo incandescente,
borbulhando como lava no caldeirão,
corroendo certezas e fazendo doer o ato de
pensar. Solo herege. Algo que já arde nas
entranhas.

Pode adentrar. Território amaldiçoado.
Explorações por entre as brechas de uma
filosofia ímpia. Menos certezas. Põe em
dúvida aquelas. As ensinadas. Ostentadas
verdades conhecidas. Verdades
aprendidas.

Pode exorcizar-se das amarras de suas
posições fixas de professora, de boa
condutora. Dos processos de ensino e de
aprendizagem.

Aqui, é preciso aniquilar a representação
do professor como engrenagem exemplar
da máquina educativa, como enciclopédia
ou livro sacro.

Aqui não há obrigação de reverências e
rezas. Não a figura do mediador da paz, do
gestor de comportamentos, do executor da
disciplina.

É necessário declinar da imagem do
transcendente docente ideal. Aquele

domina o conteúdo, que controla a turma, que planeja tudo, que avalia bem e que não falha. A filosofia do inferno sussurra: esse professor só existe como modelo!

O inferno aqui não é o abismo e nem a punição, é o espelho que quando quebra deixa cacos que distorcem a idealização docente.

O educador infernal é atravessado por dúvidas, ruídos, interrupções, afetos brutos, inquietações.

Não temos a pretensão de demonizar ou de santificar a figura do professor, mas deixar passar linhas que desfiem os dogmas cultuados.

Sabemos que não se trata de eliminar a escola, exterminar os educadores ou fundar outra instituição redentora. Trata-se de desescolarizar o pensamento, deixar que as forças infernais façam o pensamento pensar. Pensar às bordas, por entre frestas possíveis. A filosofia infernal sabe que este professor ideal é exaustão travestida de virtude. É farsa. É prisão. É pura ficção objetificada.

Viver à docência do inferno não é desistir, e sim, parar de fingir. É admitir, sem culpa, que a aula nem sempre é o que se projeta, que o planejamento às vezes se desfaz e que se precisa de um improviso, atravessado de silêncio, ruído e invenção.

É aceitar que o encontro é raro, mas quando acontece, mesmo que por um instante, é puro acontecimento.

Um educador infernal recusa a normalidade como única via possível. Isso desafia a carga divina das falsas expectativas pedagógicas. Pratica um modo de resistência. Resistir aos planos que nem sempre funcionam, aos alunos que o ignoram, aos gestores que o vigiam, as planilhas intermináveis que reduzem corpos a estatísticas, aos sistemas que o calam, aos desejos repentinos de desistir. O docente infernal traça linhas do centro em direção das bordas. Resiste pelo percurso pelo qual algo ainda pode escapar.

Aqui neste chão impuro, sujo de giz, tinta, sangue e suor, a filosofia do inferno reconhece e faz uma ode a esse professor

exausto, com olheiras, rouco, contraditório, que por vezes sente raiva, e sussurra: isso também é potência. Potência de esgotamento.

Aqui o professor não é Anjo nem Diabo, e a vida de educador não é feita apenas de redenção, de sofrimento e de sacrifício. A vida é inclassificável, às vezes indizível, e sobretudo imensurável.

Aqui, faz-se necessário a *doxa* de como tudo deve ser. Aqui a aposta é no que ainda pode vir a ser. Porque, nesta terra de heresias, faz-se urge saber que múltiplo captura as multiplicidades, mas elas continuam a proliferar. Aqui não há lugar para posições estáveis, neste subsolo sacrílego – tensionamos um devir.

Atravesse esta encruzilhada ou volte. Feche essa porta e retorne à escola, como quem regressa do exílio, exorcizando e enterrando junto com seus fantasmas e corpos putreficados todas as suas perguntas sem respostas. Mas saiba que depois deste encontro já não será a mesma. E, mais ainda, que as vozes não irão embora, pois já não têm para onde ir,

são as que te compõe, as que que te dispõe,
as que te arrastam, rasgam e deslocam.

Carregará o inferno dentro de si, não como
blasfêmia ou maldição, mas como fenda
aberta, como uma invocação que pulsa,
por onde seus espectros mais sombrios
poderão retornar.

E isso a tornará perigosa. Mesmo que o
seja em um sorriso transversal, rosto alegre
que afirma a tragicidade de sua
humanidade.

Minha percepção me impõe pensar, mesmo
que essa seja uma experiência dolorosa.
Ora penso, ora percebo, ora ainda sou
afetado. Resta a potência indiscernível que
a cada perspectiva arrasta e induz. Um
novo limite pulsa. Próxima fronteira. Por
mais que o tudo e o todo apertem,
sufoquem e aprisionem, na companhia do
herói errante, no olho das possibilidades,
encontro-me no penúltimo dia da próxima
noite de uma vida que se atualiza em um
tempo diabolicamente redescoberto.

Silêncio. Prolongado silêncio. Tímido
sorriso. Gargalhada derrama. Maligna.



Brilha nos olhos. Insanos. Homens.
Criança. Perde e se redescobre. Um em
meio aos percursos. Linhas de errância.
Diabruras. Aqui o inferno não castiga,
liberta. E o que pulsa entre cinzas,
enxofres e risos é a mais pura heresia: uma
vida, reinventada fora da linha.

PRELÚDIO



Figura 21: Outra vez
Fonte: autora

Um dia. Uma noite. Não sei bem dizer. Um meio-dia. Uma meia-noite. Ela deixa escapar. Um “m|”. De uma senhora. Poderia ser “m”, poderia ser “x”, poderia ser outra. Poderia ser “z”. Isso, menos importa se “?” é variável que faz variar todas as variáveis, do que ela pode ainda ser e, ainda mais com que as outras senhoras podem vir a ser.

Senhora M é mãe. Não a mãe que projeta a vida daquela que tem obrigação de criar, de proteger. Uma mãe que aposta na vida. Vida que não tem um caminho. Vida que deseja um percurso daquilo que faz parte da própria carne que gera um momento de vida. Outra vez.

A Sra. M. acontece na maternidade que desafia a natureza e a continuidade das coisas. Desafia o meio determinado de um *socius* outorgado à paternidade como origem da vida.

A Sra. M. é a trindade partida do pai, do filho e do objeto da filiação. Emergiu de uma dor de um dia, de uma noite, de extensas jornadas de cobranças de medidas, entre deveres muitos. Muitas

dívidas. Ela fez do desejo da noite um elemento que insiste em fazer com que o dia faça algum sentido, mesmo que seja breve, mesmo que ainda doa. Outra vez.

Esse é o projeto da Sra. M.: um esgotamento das sensações doloríficas que o dia impõe, entre todos os seus objetivos e sentidos, entre todas as suas vontades de verdade e as suas necessidades de juízo.

A Sra. M. em silêncio sempre desejou a alegria. Mas, a alegria que ela pensava que queria, era dos sentidos postos, àqueles que já diziam a ela o que ela devia ser.

Nessa trajetória, a Sra. M. forjou para si o próprio tribunal, disse onde era réu e juiz. Advogou como acusadora e defensora. Muitas vezes perdendo-se em argumentos que nem ela sabia de onde vinham.

A Sra. M. tem vozes que funcionam como voz de uma senhora, de uma mulher, de uma menina. Um corpo de passagem de muitos corpos que, diuturnamente mantêm-se presos aos espelhos que sujeitam os dias e as noites a se repetir em um tormento da falta. Outra vez.

É uma voz que não tem nome. Uma voz mãe de todas as vozes, que conseguiram passar. Teima em dar vida a outras vidas. Mesmo que carregue o peso do tempo e as dores de uma gestação inevitável. Ela não representa. Funciona. Máquina de conteúdo e expressão. Sem um funcionamento definitivo. Nenhum lugar para chegar, menos ainda verdades para deixar. Mexe um caldeirão do inferno, no qual fervem matérias do cotidiano. Ferve aqueles que vivem nesse nomeado paraíso de olhos abertos sem poder dormir. Necessidade abençoada de sempre ter que lembrar. Lembrar quem é. Lembrar por que está aqui, quais suas funções, responsabilidades, limites, obrigações.

Sra. M. funciona como uma voz sussurrante que resiste ao personagem da literatura do “felizes para sempre”. Talvez porque ela saiba que essa felicidade é apenas um rastro de sol que teima esconder-se entre as nuvens. Calor em cor que só por alguns breves instantes consegue aquecer o corpo e colorir a alma.

A noite é escura, mas os dias claros é que não deixam ver. À luz do dia o dito teima em dizer a verdade e a julgar a mentira. Tudo já está dito mesmo, que mal visto. Outra vez. Presos. Teia dogmática. Outra vez. Vontade. Fuga. Desejo.

Sra. M. funciona como máquina que resiste aos dogmas, que tensiona a extensividade do dia e da repetição mesmo. Declina da política de cura da humanidade. Investe na noite como aventura de um ainda por vir. Passos dados. Passos ainda por dar. Isso. Viver. Ainda respirar. Poder.

Meia-noite acontece no limite. Nem à luz do dia, nem na escuridão à noite. Meia-noite. Momento que decide a violência que rompe o círculo. Uma posição de saúde. Resistência a repetição do espelho que indica a obrigatoriedade de retornar ao centro, procurar o ventre, cultivar a raiz. Repetir a filiação divina que a vida ofereceu. Momento. Resiste.

Restou o que não foi escrito por uma relação do que deveria fazer sentido. As pegadas da Sra. M. inscrevem-se em meio

à sensamentos. Matérias intensivas que rabiscaram, rascunharam e desenharam intercessores de sensamentos, na tensão da produção de paisagens de sensações e sentidos. Outra vez.

Matérias de um corpo destituído de pai e da matriz hegemônica. Sem regras e dogmas. Sra. M. funciona como corpo-escreitor. Entre a dor e a cor. Funciona na esquina de uma esquina sempre por vir. Um corpo sempre no limite de retornar ainda mais uma vez. Cada traço, um movimento que gira. Fronteira de um contínuo ziguezaguear. Uma outra Sra. M. Um outro texto que passa na vida do próprio texto, no texto que ainda tem algo para fazer viver. Outra vez.

Encontrei a Sra. M. em um sonho. Acho. Tenho bem certeza. Não. Talvez ela tenha me encontrado. Mas, não me disse seu nome. Foi o que ela me disse. Foi um sonho. Não sei sorrir, ela disse, ainda à janela. Não me interessa o que o dia de amanhã vai me dar. Enquanto esse dia ainda retornar da noite para mais um dia, viverei os momentos possíveis. Receberei

esse dia para que ele se repita por toda a eternidade. Eternidade de um ainda por viver. Outra vez.

Não sei se isso é felicidade, mas o sensamento é colorido. Energia que põe um pouco de cor nos dias claros em demasia. A cor indefine a certeza da constante determinada. A cor é livre da definição objetiva, o que faz do sensamento colorífico um tensor do que transborda, do que pode ainda transbordar.

Em um penúltimo encontro. De muitos que vieram depois. Ela me pediu em uma cena, que se fosse falar dela, do que falamos, que fosse para afirmar que ela pouco sabia. Dizer para escreverem com o que lerem. Não guardem no cofre do conhecimento. O saber é o espaço da aventura, onde ainda há muito por saber, por dizer. Que cada um em seu percurso encontre para si o seu modo de dizer, o seu ritmo para dizer e o seu meio para continuar a partilhar relações. Outra vez.